



UC/FPCE_2008

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**A percepção da Qualidade de vida, estratégias de
 coping e stress em famílias com crianças e
adolescentes sobredotados: um estudo exploratório.**

Eneida Almeida Cardoso (e-mail: glimpse.eneida@gmail.com)

Dissertação de Mestrado na Área de Psicologia Clínica e Saúde,
Subárea de especialização em Sistémica, Saúde e Família, sob
orientação da Professora Doutora Madalena Lourenço.

A percepção da Qualidade de vida, estratégias de *coping* e *stress* em famílias com crianças e adolescentes sobredotados: um estudo exploratório.

Resumo: o presente projecto de investigação tem como objectivos o estudo da qualidade de vida, estratégias de *coping* e o *stress* em famílias com crianças e jovens sobredotados, estabelecendo uma comparação entre estas famílias e algumas famílias da população geral, de modo a averiguar a existência ou não de diferenças estatisticamente significativas. Os instrumentos utilizados neste estudo e que nos permitiram estudar as variáveis desejadas foram o FILE, o F-COPES e o QDV, auxiliados por um Questionário demográfico e uma Ficha de dados complementares. Neste sentido, procedeu-se à comparação destas duas sub-amostras, equivalentes em género, idade e etapa do ciclo vital da família. Os resultados encontrados não revelaram qualquer diferença estatisticamente significativa na forma como ambas as amostras percebem o *stress* , o *coping* e a qualidade de vida familiares. Num segundo momento foi testada a influência de algumas possíveis variáveis mediadoras na percepção das mesmas variáveis dependentes (*coping* , *stress* e qualidade de vida familiares). Como implicações do nosso estudo, temos o “abrir caminho” para que mais estudos sejam realizados nesta área e também a contribuição para que novas reflexões se façam e mais conhecimento se alcance no que diz respeito ao tema aqui estudado.

Palavras-chave: Sobredotação, famílias, crianças, adolescentes, percepção, qualidade de vida familiar, *stress* familiar, *coping* familiar.

The perception of family Quality of life, coping strategies and stress in families with gifted children and adolescents: an exploratory study.

Abstract: the current investigation project has as purposes the study of the quality of life, coping strategies and stress in families with gifted children or youngsters, establishing a comparison between these families and some families of the general population, so as to check the existence or not of statistically significant differences. The instruments used in this study and that allowed us to study the wants variables were QDV, FILE and F-COPES, assisted by a demographic questionnaire and a complementary data file. In this sense, these two sub-samples were compared similar in genre, age and the family's vital cycle stage. The results found did not reveal any statistically significant difference in how both the samples perceived familiar stress, coping and the quality of life. In a second moment, the influence of some possible mediator variables in the perception of the same dependent variables was equally tested. Our study has as implications “opening new doors” to more investigation as well as the contribution to the making of new reflexions and the attainability of more knowledge.

Key Words: Giftedness, families, children, teenagers, perception, familiar quality of life, familiar *stress* , familiar *coping* .

Agradecimentos

À professora e excelente orientadora Madalena Lourenço, pelo apoio, experiência, dedicação, partilha e constante disponibilidade.

À professora Isabel Alberto, por estar sempre disponível para escutar as dúvidas e aconselhar as decisões.

À minha família; pais, irmã e avós, por todo o apoio e sacrifícios feitos para que eu pudesse seguir o meu caminho.

Ao Hugo, simplesmente por fazeres parte da minha vida e por todas as coisas importantes que me ajudaste a descobrir e ensinaste a ver; obrigada pela companhia nos últimos onze anos, pela amizade e disponibilidade, pelo amor, pelo crescimento que partilhámos...

À Psicologia e a todos os teóricos que a elegeram como caminho a seguir; por me fazerem acreditar que “mudar o mundo” é possível, através de pequenas mudanças que podemos ir operando dentro de nós próprios e daqueles que nos rodeiam.

A alguns dos professores que durante estes cinco anos, muita coisa tiveram para me ensinar; agradeço-lhes o simples facto de estarem disponíveis para partilhar a sabedoria e o conhecimento que muitos anos de experiência lhes permitiu adquirir. Guardarei para sempre estes pequenos, e ao mesmo tempo, tão enormes ensinamentos.

A todas as crianças e adolescentes tão especiais que este projecto me permitiu conhecer (e seus pais, porque sem eles, este estudo não teria sido concretizado.)

À ANEIS, pela importante colaboração e pelo excelente trabalho que têm vindo a desenvolver para que estas crianças tão especiais consigam ser melhor compreendidas e guiadas.

Os meus agradecimentos em especial para a Doutora Sara Bahia (ANEIS-Lisboa), Doutora Ana Freitas (ANEIS-Braga) e Doutor Marcelino Pereira, Doutora Sandra Alves e Doutora Isabel Alberto (ANEIS-Coimbra).

Muito obrigada a todos...

Índice

Introdução	1
I – Enquadramento Conceptual	1
1.1 – Sobredotação.....	1
1.2 – Crianças e jovens sobredotados.....	4
1.3 – Famílias de crianças e jovens sobredotados...	5
1.4 – <i>Stress</i> familiar.....	12
1.5 – <i>Coping</i> familiar.....	15
1.6 – Qualidade de vida familiar.....	16
II – Objectivos	18
2.1 – Objectivos gerais.....	18
2.2 – Objectivos específicos.....	18
2.3 – Modelo Conceptual.....	19
III – Metodologia	19
3.1 – Critérios de Amostragem.....	19
3.2 – Recolha da amostra.....	20
3.3 – Caracterização da amostra.....	20
3.4 – Instrumentos.....	24
IV – Resultados	28
V – Discussão	41
VI – Conclusões	48
Bibliografia	50
Anexos	53
Anexo 1 – Carta de apresentação e explicação do projecto.....	53
Anexo 2 – Questionário sócio-demográfico.....	55
Anexo 3 – Ficha de dados complementares.....	57
Anexo 4 – QDV.....	
- Versão para adultos.....	59
- Versão para adolescentes.....	61
Anexo 5 – FILE.....	63
Anexo 6 – F-COPES.....	67
Anexo 7 – Testes de normalidade.....	70
Anexo 8 – <i>Plots</i> das ANOVAS.....	72

Introdução

A Sobredotação, enquanto fenómeno cognitivo e intelectual, tem sido amplamente estudado e teorizado, no entanto a sua vertente familiar, ou melhor, as famílias destas crianças e jovens e as relações entre eles têm sido muito pouco abordadas e estudadas; os estudos neste âmbito são ainda escassos ou pouco esclarecedores. Apesar de ser reconhecido que estas famílias (e os próprios filhos) estão expostas a um grande número de *stressores*, a verdade é que não existem muitos estudos concretos sobre a percepção que os mesmos possuem daquilo que os rodeia e a influência que a existência de um filho sobredotado poderá ter nessa mesma percepção.

Tendo como base estas ideias e partindo dos constructos estipulados pela turma do Mestrado integrado em Psicologia, subárea de especialização em Sistémica, Saúde e Família, do ano lectivo de 2007/2008 – qualidade de vida, *stress* e *coping* familiares – tentaremos compreender se famílias com filho sobredotado diferem de famílias da população geral no que se refere à percepção destes mesmo constructos. Para avaliar as variáveis acima referidas adoptámos três instrumentos: QDV, FILE e F-COPES e como amostra de estudo, recorreremos à Associação Nacional para o Estudo e Intervenção na Sobredotação (ANEIS).

Aquilo que pretendemos com este trabalho é num primeiro momento, expor as principais fontes bibliográficas que incidam sobre o tema, tanto ao nível da caracterização da sobredotação, como em relação às famílias destas crianças e jovens, e ainda em relação aos constructos em estudo. Num segundo momento, analisaremos os resultados do nosso estudo empírico e num terceiro momento, teceremos algumas considerações e reflexões em torno da revisão bibliográfica efectuada e dos resultados encontrados. Como objectivo “supremo” do nosso estudo, apesar de o mesmo ser de carácter exploratório, temos o intuito de procurar obter cada vez mais conhecimento em relação à temática de estudo, tanto no que se refere à compreensão do mesmo, como para servir de mote para futuras linhas de intervenção junto desta população.

I – Enquadramento conceptual

1.1- Sobredotação

O registo dos grandes feitos da humanidade e o progresso da civilização pode, de certa forma, ser assinalado partindo das acções daqueles que foram dotados e talentosos nas suas contribuições às artes, à ciência e a qualquer outra área do conhecimento humano (DuBois, 1970, *in* Renzulli, 2005). Ao longo da história dos seres humanos, e na maioria das culturas, sempre houve um fascínio especial por aquelas pessoas que, de alguma maneira, contribuíram de forma notável para a evolução das áreas a que se interessavam e dedicavam (Renzulli, 2005). Neste âmbito, surge um outro conceito muitas vezes associado ao de sobredotação, o talento numa

determinada área ou domínio específico, que pode não depender de altos níveis de inteligência (Winner, 2000). Deste modo, e com mais incidência na década de 1960, a inteligência passa a ser encarada numa perspectiva multidimensional, na qual são incluídas a criatividade e diversas componentes não intelectuais, mais relacionadas com a motivação e com a personalidade (Pereira, 1998).

O conceito de Sobredotação tem sido alvo de inúmeras alterações e contestações, baseadas na sua profunda complexidade. Apesar de, ainda actualmente, este constructo não ter uma definição universalmente aceite, há consenso, nomeadamente, que ultrapassa uma definição rígida pautada exclusivamente pelos valores de Q.I. (Reis, 1989) e ainda no reconhecimento de diferentes tipos de Sobredotação (Pereira, 1998). Ao mesmo tempo, é confirmada a relevância de outros factores considerados necessários para a emergência do comportamento sobredotado, destacando-se entre eles: as faculdades de pensamento divergente, a motivação intrínseca, a auto-confiança, a metacognição, a determinação e a tenacidade (Span, *in* Pereira, 1998). A dificuldade histórica em definir e medir a inteligência realça ainda mais a impossibilidade em isolar uma definição unitária de sobredotação. Deste modo, teremos sempre várias concepções e consequentes definições deste conceito (Renzulli, 2005).

Não havendo uma definição única para Sobredotação, existem teorias que tentam explicar o conceito, recorrendo a um número vasto de perspectivas e correntes teóricas. Uma destas definições, que é comumente destacada, é a definição de Renzulli (1979), denominada de *abordagem dos três anéis*. Segundo este autor, a Sobredotação “*consiste numa interacção entre três grupos básicos de características humanas: sendo estes grupos as capacidades gerais médias, elevado nível de empenho nas tarefas, e elevados níveis de criatividade. Crianças dotadas e talentosas são aquelas que possuem ou são capazes de desenvolver este grupo composto de características e aplicá-las em qualquer área potencial de valor da realização humana*” (*in* Gallagher & Courtright, 1986, p. 103). Esta concepção de sobredotação tem como principal objectivo delinear as dimensões principais do potencial humano na produtividade criativa. O seu nome deriva do quadro conceptual no qual se baseia, segundo o qual existe uma interacção entre três grupos de características humanas: aptidão acima da média, criatividade e empenhamento na tarefa. É tida também em conta a inter-relação entre estas três características e as áreas gerais ou específicas do desempenho humano. Os três anéis encontram-se ainda embutidos num contexto que representa a interacção entre a personalidade e os factores ambientais (Renzulli, 2005). As aptidões tanto podem ser gerais como específicas e envolvem a aplicação de várias combinações de aptidões gerais, numa ou mais áreas do conhecimento especializado; representam, ainda, um conjunto de características relativamente estáveis e constantes (Pereira, 1998). O empenhamento nas tarefas constitui a componente motivacional e inclui traços como a persistência, a dedicação, o esforço e a auto-confiança. A criatividade envolve a fluidez, a flexibilidade e a originalidade do pensamento, a curiosidade e o poder especulativo. Ao

contrário das aptidões, o empenhamento e a criatividade “são traços oscilantes que variam em função das situações em que os indivíduos se envolvem” (Renzulli, 1986, *in* Pereira, 1998, p.24). O mesmo autor sublinha que a presença isolada de qualquer destes anéis “não faz a Sobredotação; o ingrediente necessário é a interação entre os três grupos de características” (Pereira, 1998, p. 25). Neste modelo de sobredotação, apesar de ser focado o individual, também são reconhecidos os efeitos das tarefas e das situações. Tendo isto em conta, o autor destaca um conjunto de factores ambientais que influenciam a sobredotação, sendo eles o estatuto sócio-económico, a educação dos pais, a posição familiar e o “espírito da época” (Pereira, 1998).

Apesar de não nos debruçarmos muito no aspecto seguinte, pensamos ser relevante referi-lo, até porque o mesmo tem implicações na forma como o conceito de sobredotação é aplicado e compreendido. Devido à complexidade do termo sobredotação, a sua operacionalização tem dado origem a inúmeras terminologias, algumas convergentes, as restantes, nem por isso. Deste modo e na tentativa de “organizar” estas diferentes terminologias, Pereira (1998) defende que “a interpretação do conceito geral de sobredotado deve regular-se através de sete dimensões: área de expressão (geral ou específica); grau (ligeiro, moderado ou profundo); idade (criança ou adulto); nível de motivação (alto ou baixo); modo de tratamento da informação (assimilador ou criativo); a relevância social (tem ou não reconhecimento social); o contexto em que se salienta (na escola ou fora dela). A conjugação das diferentes variáveis permitirá o uso de designações distintas” (p. 32). Apesar de não nos focarmos na caracterização destas mesmas designações, consideramos importante enunciá-las: 1) Sobredotação; 2) Precoce; 3) Talentoso; 4) Génio; 5) Prodígio e 6) Idiota Sábio.

Em jeito de conclusão, pode dizer-se que a existência de inúmeras definições e conceptualizações para o conceito de sobredotação tem gerado um pouco mais de confusão do que esclarecimento, no entanto, “é notório o poder aglutinador do critério de Q.I. (resultado igual ou superior a 130)” (Pereira, 1998, p. 38). Por outro lado, o papel de outros critérios, como a motivação e a criatividade têm sido amplamente defendidos como possuindo a mesma (ou maior) relevância do que o Q.I., existindo um certo consenso na área no que diz respeito a este facto. A multiplicidade do conceito é hoje largamente defendida por todos aqueles que buscam uma mais completa e abrangente compreensão da Sobredotação e de todas as problemáticas a ela inerentes. No entanto, torna-se importante sublinhar que esta mesma compreensão deverá ser adaptada a cada criança e jovem em particular, uma vez que “a formação e as circunstâncias de cada ser humano são únicas” (Freeman, 1997, p. 8).

Pegando nesta última ideia, gostaríamos de sublinhar que tal como qualquer ser humano é único, também a criança sobredotada o é, querendo com isto dizer que a generalização de algumas características deverá ser feita com cautela. Todavia, algumas generalizações poderão ser feitas e, neste sentido, apresentam-se de seguida algumas características mais gerais que podemos encontrar nestas crianças e jovens, que se traduzem na relação com

as outras pessoas e também na forma como percebem e significam o que as rodeia.

1.2 – Crianças e jovens sobredotados

Segundo Kate Distin (2006), se as generalizações forem utilizadas sensatamente, poderão ser uma fonte de compreensão e auxílio para as crianças sobredotadas e suas famílias. Como características que poderão ser generalizadas, os autores apresentam algumas de carácter intelectual, começando por referir que estas são as que mais comumente surgem quando se fala de sobredotação. De um modo muito simplificado, podemos dizer que as crianças sobredotadas “simplesmente são mais inteligentes que a maioria dos seus pares” (Distin, 2006, p. 22). Um importante aspecto do seu alto grau de inteligência é a capacidade para compreender novas ideias de uma forma muito fácil; as crianças sobredotadas têm a capacidade de dominar informação sem grandes dificuldades. Devido a esta capacidade, encontram na resolução de problemas uma actividade da qual retiram prazer, ganhando cada vez mais satisfação à medida que alcançam formas mais variadas de chegar a uma solução. Algo que as crianças sobredotadas têm, geralmente em comum, é o “desejo para aprender, para compreender e para descobrir” (Distin, 2006, p. 22). Outro aspecto que distingue frequentemente estas crianças é ainda a sua insaciável energia mental. Comparativamente aos seus pares, os sobredotados não possuem uma noção exacta das proporções, (seja em termos de tempo ou disponibilidade) o que resulta numa entrega “de corpo e alma” às actividades e temas pelos quais se interessam. Muitas destas crianças são também extremamente perceptivas e perspicazes; desde muito cedo são capazes de raciocinar abstractamente e desenvolver debates baseados numa argumentação lógica. Para além desta agilidade mental, poderão também ser muito criativas, demonstrando uma forma de pensamento e imaginação muito original e inovadora. As formas de pensamento a que recorrem dão origem, muitas vezes, a ideias inusuais, imprevisíveis e divergentes. A uma primeira vista, estas capacidades poderão parecer apenas como trazendo apenas vantagens; todavia, a realidade mostra que traz igualmente algumas dificuldades. Estas capacidades elevam a probabilidade destas crianças serem incompreendidas e até “olhadas de lado”, tanto pelos colegas como pelos adultos. Relativamente a estes últimos, podem ficar relativamente “chocados” pela forma como estas crianças expressam os seus sentimentos e opiniões, fazendo-o de uma forma muito convicta e, por vezes, tempestuosa. As suas mentes procuram constantemente desafios e questões, criticando em vez de aceitar inquestionavelmente aquilo que lhes é transmitido (Howe, 1999).

Paralelamente a esta “superioridade” intelectual, poder-se-á cair na tentação de esperar que manifestem igual maturidade emocional. No entanto, é muito raro tal acontecer; aliás, é muito habitual existirem, nestas crianças, enormes discrepâncias entre aquilo que sabem e aquilo que sentem. Associado a estas discrepâncias entre intelecto e maturidade emocional, está a “consciência do mundo que as rodeia” (Streznewski, 1999). Desde muito cedo que se questionam e reflectem sobre eventos actuais e históricos, assim

como relativamente a questões ambientais, teológicas e éticas. É igualmente comum sentirem-se fascinados pela distinção entre fantasia e realidade, assim como com questões filosóficas e metafísicas. Estes interesses, apesar de úteis (por um lado), podem levar estas crianças ao contacto com áreas e questões para as quais não estão emocionalmente preparadas. “O mundo poderá parecer muito mais assustador para uma criança observadora, perspicaz e pensativa do que para uma cuja sua atenção raramente se desloca acima do parapeito das suas cores e dos seus brinquedos” (Distin, 2006, p. 43). Estas crianças, ao possuírem esta consciência relativamente ao que as rodeia, deparam-se com situações difíceis muito antes de possuírem a capacidade para lidar com elas emocionalmente. As crianças sobredotadas, ao mesmo tempo que lutam para compreender os seus sentimentos, lutam para compreender os outros e as relações que se estabelecem entre os mesmos, resultando destes encontros mais dúvidas e questões. Mais uma vez, o desenvolvimento intelectual, não garante um igual “à-vontade” no que às relações sociais diz respeito. As crianças sobredotadas correm o risco de se tornarem extremamente tímidas e reservadas; além disto, podem não ter nada em comum com os seus pares. Podem ainda não possuir as aptidões sociais necessárias para lidar com a insegurança dos outros, sendo vistos como arrogantes e intolerantes (Streznewski, 1999).

Para verdadeiramente compreender e poder ajudar estas crianças e suas famílias, é importante não descurar as dificuldades sociais que poderão surgir no seu caminho. À medida que vão crescendo, vão aprendendo a lidar com estas mesmas dificuldades, no entanto existe um sentimento que permanece ao longo de toda a vida: o sentimento de ser diferente. Estas crianças sentem-se diferentes a grande maioria do tempo; são por definição, uma minoria, sendo mais frequentemente ridicularizados do que respeitados pelos seus colegas. Eles apercebem-se de que não têm nada em comum com as pessoas que os rodeiam, levando esta percepção de ser diferente, a sentimentos de solidão e frustração. Os mesmos sentimentos podem ser intensificados se forem acompanhados por expectativas excessivas por parte da família e professores (Streznewski, 1999).

Tendo em conta estas características, sentimentos e dúvidas, as crianças sobredotadas acabam por exigir (sem terem porém noção disso), quantidades por vezes inimagináveis de energia, tempo e disponibilidade (tanto física como psicológica) das pessoas importantes que as rodeiam. É a família que habitualmente acompanha o desenvolvimento da criança e do jovem, ao nível de todas as dimensões que o compõem, ou seja, é a família que está presente à medida que cresce, se desenvolve e evolui.

1.3-Famílias de crianças e jovens sobredotados

Remetendo para a conceptualização de Renzulli (2005), destacamos o facto de o autor “colocar” os três anéis que definem a sobredotação embutidos num contexto. Neste contexto, está incluída inevitavelmente a família, que representa um dos principais modelos (senão o principal) que acompanham e orientam o desenvolvimento da criança e jovem sobredotado; deste modo, é inegável a influência da família nestas crianças. A percepção

que os elementos familiares têm da vida e de tudo aquilo que dela faz parte, influencia também a maneira de ser e de pensar destas crianças e jovens, assim como estas crianças influenciam todos os elementos da família à qual pertencem.

Podemos dizer que a família constitui a “instituição” mais importante na vida da maioria das pessoas; “é a ela que recorremos em busca de conforto e auxílio, independentemente do quão desorganizada e errática ela possa ser” (Manocchio & Petitt, 1975, p. 1).

Entrando agora no domínio das famílias de crianças e jovens sobredotados, é um facto que se existe um grupo na sociedade cujas necessidades têm sido negligenciadas é o das famílias destas crianças e jovens. A tarefa da parentalidade é das mais complexas e exigentes com a qual um ser humano se depara e, quando se trata de ser pai de uma criança pertencente a um grupo minoritário, o desafio é redobrado (Howe, 1999). Numa perspectiva sistémica, na qual este trabalho assenta, os estudos são extremamente escassos e, a bibliografia é inexistente ou extremamente difícil de encontrar. Moon e Hall (1998) sublinham que “se a investigação das famílias da criança sobredotada em terapia familiar é escassa e necessária, os dados provenientes doutras perspectivas sugerem que estas famílias têm valores únicos, preocupações específicas e factores específicos de *stress* associados (p. 59).

Exporemos de seguida algumas bases teóricas referentes à compreensão do funcionamento e exigências características destas famílias. Posteriormente, apresentaremos alguns dos estudos mais relevantes que estudam a família no contexto específico da sobredotação.

As famílias são uma das mais importantes influências no desenvolvimento de uma criança sobredotada (Moon & Hall, 1998), assim como no desenvolvimento de qualquer criança. Numa perspectiva sistémica, a família emerge como um dos mais importantes sistemas no processo de desenvolvimento da sobredotação (Feldman, 1986; Jenkins Friedman, 1991, *in* Moon & Hall, 1998). Todavia, só muito recentemente é que a perspectiva sistémica começou a ser um recurso conceptual para compreender as famílias de crianças sobredotadas (Csikszentmihalyi et al., 1993; Feldman, 1986; Gruber, 1989; Jenkins-Friedman, 1991; Windecker-Nelson, Melson, & Moon, *in* Moon & Hall, 1998).

A Teoria dos Sistemas Familiares perspectiva a família como um sistema dinâmico que deverá ser compreendido holísticamente. Ainda segundo esta perspectiva, os indivíduos numa família são sempre vistos como partes integrantes de um contexto relacional e interaccional e não apenas tendo como base as suas características individuais. A atenção recai assim, no modo em como as características individuais influenciam o sistema familiar como um todo (Whitchurch & Constantine, 1993, *in* Moon & Hall, 1998).

Relvas e Oliveira (2000), relembrando a exaustiva revisão da bibliografia sobre famílias de crianças sobredotadas realizada por Winner (1996), apontam alguns traços gerais: “famílias em que a criança sobredotada ocupa uma posição especial na fratria; são frequentemente

primogénitos ou filhos únicos; o ambiente familiar é rico em estimulação; são famílias centradas na criança em que os pais focam a sua energia no sentido em que a criança receba educação e estimulação apropriada na área da dotação que revelou; trata-se de pais directivos com padrões de exigência elevados e grandes expectativas de realização e performance da criança ao mesmo tempo que estimulam a sua independência” (p. 123).

A investigação com estas famílias tem vindo a demonstrar que estas possuem dinâmicas únicas que afectam todos os aspectos da vida familiar, tais como os valores, as relações, os estilos de vida, os factores de *stress*, e mesmo a interacção com outros sistemas tais como a escola e a comunidade (Moon, Junich, & Feldhusen, 1998).

Winner (2000) sumariza algumas das evidências reveladas pelos estudos na área, relativamente a estes aspectos da vida familiar. No que diz respeito aos valores familiares, estes são, sem dúvida, um importante aspecto na vida das famílias. Certos valores tendem a ser característicos de famílias com um tipo particular de sobredotação. Por exemplo, famílias com crianças cujo QI é elevado (superior a 160), possuindo igualmente altos níveis de desempenho, tendem a ser centradas na criança e a demonstrar relações familiares muito próximas e de suporte. Os pais destas crianças tendem ainda a não tolerar atitudes de inconformismo e a incentivar os filhos para o sucesso académico. Por outro lado, e mais uma vez para acentuar a complexidade deste tema, temos as famílias de crianças com altos níveis de criatividade, cujos valores são muito diferentes das famílias anteriores. O valor predominante destas famílias é a independência (Robinson & Noble, 1991; Wiensberg & Springer, 1961, *in* Winner, 2000). Os valores familiares destas famílias ajudam a “nutrir” o mais importante atributo da personalidade de pessoas criativas: a capacidade de pensar e trabalhar sozinho, de formas diferentes daquelas demonstradas pelos pais, pela sociedade e pelas outras pessoas significativas (Albert, 1978, *in* Moon & Hall, 1998, p.83).

Relativamente às relações familiares, as investigações mostram que geralmente, as crianças sobredotadas, principalmente as que apresentam sucesso escolar, tendem a se integrar em famílias com casamentos estáveis (Barbe, 1981; Bloom, 1985; VanTasselBaska, 1983, *in* Moon & Hall, 1998) e famílias bem ajustadas (Beach, 1988; Mathews, West, & Hossie, 1986, *in* Moon & Hall, 1998). Estas famílias são ainda caracterizadas por relações próximas e de suporte, além de que centradas na criança e nas suas potencialidades. Exibem igualmente altos níveis de união e flexibilidade, que são características de famílias resilientes (Abelman, 1991; Bland, Sowa, & Callahan, 1994, *in* Moon & Hall, 1998). Estas famílias parecem providenciar um ambiente óptimo para um crescimento cognitivo, afectivo e interpessoal (Frey & Wendorf, 1985; Jenkins-Friedman, 1991, *in* Winner, 2000).

No entanto, existem excepções, tal como existem em qualquer população que se pretenda estudar. É um facto que a sobredotação tem inúmeras consequências na vida familiar, que se tornam “esgotantes” pela quantidade de energia que exigem para serem bem resolvidas. Deste modo, a

A percepção da Qualidade de vida, estratégias de *coping* e *stress* em famílias com crianças e adolescentes sobredotados: um estudo exploratório.

Eneida Cardoso (e-mail:glimpse.eneida@gmail.com) 2008

investigação confirma a existência de algumas exceções em que as relações familiares não funcionam de forma tão apropriada e funcional. Estas exceções são características, porém, de populações específicas dentro da sobredotação, como por exemplo famílias de crianças altamente criativas ou populações clínicas. No entanto e uma vez que existem, sendo certamente as que mais necessitam de apoio e compreensão, nomearemos de seguida algumas das características evidenciadas pela investigação destas famílias que surgem como “exceção”.

As famílias de crianças altamente criativas são frequentemente caracterizadas por relações tensas que tendem a demonstrar mais independência do que proximidade. Em famílias com crianças sobredotadas cujos resultados escolares são baixos, nota-se a existência de interações conflituosas e um ambiente familiar instável e indesejável (Getzels & Jackson, 1962, *in* Moon & Hall, 1998).

Existem também evidências de que a existência de uma criança sobredotada pode influenciar a estrutura relacional numa família. Por exemplo, e cingindo esta análise à relação criança-pais, é grande a probabilidade da criança sobredotada assumir um papel de controlo e autoridade, tornando-se num “terceiro pai” no seio do sistema familiar (Hackney, 1981, p. 52, *in* Moon & Hall, 1998). Deste modo, torna-se claro que a parentificação, ou o assumir uma posição de controlo por parte da criança sobredotada, pode facilmente surgir nestas famílias, principalmente se existirem mais crianças na família além da sobredotada.

No que diz respeito ao *stress* familiar e adaptação, pode-se começar por dizer que, geralmente, as famílias funcionais, revelam altos níveis de adaptabilidade (Csikszentmihalyi et al., 1993; Friedman & Gallagher, 1991; Frey & Wendorf, 1985, *in* Moon & Hall, 1998). Por outro lado, famílias cujos resultados escolares da criança não são satisfatórios, parecem ter maiores níveis de *stress* e menores níveis de adaptabilidade (Rimm, 1995; Luccone & Amerikaner, 1986, *in* Moon & Hall, 1998).

Minuchin (1974), citado por Moon e Hall, postula que a sobredotação, tal como outras exceções, pode ser um *stressor* idiossincrático na família que tenta criar pressão para que haja adaptações no estilo de vida da família. Os *stressores* idiossincráticos podem inibir os mecanismos de *coping* de algumas famílias. Deste modo, surge a questão sobre de que forma a sobredotação age ela própria como um *stressor* idiossincrático. A resposta aparece ao se verificar que, em muitas famílias, a sobredotação torna-se um “organizador”, uma fundamentação lógica para compreender o comportamento e a estrutura das actividades familiares (Colangelo & Assouline, 1993, *in* Moon & Hall, 1998).

Utilizando as conclusões de Bloom (1985) e de Hackney (1981), a tendência para a sobredotação organizar o sistema familiar pode ser uma fonte de *stress* quando ultrapassa os recursos familiares ou “desvia” as relações familiares. Muitas famílias de crianças sobredotadas sentem que necessitam de mudar o seu estilo de vida de modo a maximizar o potencial da criança em questão. A sobredotação numa criança pode ainda estruturar as relações familiares na medida em que os irmãos ou cônjuge podem ser

negligenciados ao nível da energia que é dirigida para a criança sobredotada (Moon et al., 1998). Vários autores na década de 80, através dos seus estudos, verificaram ainda que uma criança sobredotada pode agir como *stressor* na família ao activar sentimentos de incapacidade por parte dos seus pais (Colangelo & Dettman, 1983; Dettman & Colangelo 1980; Hackney, 1981; Silverman, 1983; Wendorf & Frey, 1985, *in* Moon et al., 1998).

Robinson e Noble, em 1991, comprovaram ainda que em crianças com alto nível de QI, estes *stressores* e pressões adaptativas aumentam substancialmente. Há uma estimativa que cerca de 20 a 25% destas crianças evidencia um sério desajustamento psicossocial, correspondendo esta proporção a cerca do dobro dos resultados encontrados na população geral (*in* Moon et al., 1998). Em 1989, Silverman e Kearney constataram que as crianças extremamente inteligentes são diferentes da norma na medida em que manifestam isolamento social, alienação e solidão. Os pais destas crianças revelam níveis elevadíssimos de *stress*, tais como sentimentos avassaladores de frustração perante as escolas que não correspondem às necessidades dos seus filhos, assim como sentimentos de incapacidade e preocupações financeiras relacionadas com o alto custo das experiências que contribuem para o desenvolvimento do talento (Silverman & Kearney, 1989 *in* Moon et al., 1998).

“A família da criança sobredotada não vive no vácuo” (Moon et al., 1998, p.87). A interacção com outros sistemas exteriores à família tem também um forte impacto na vida familiar. Para compreender este impacto, é fundamental analisar as relações com os sistemas exteriores, tais como a escola, os pares e a comunidade ou vizinhança (Moon et al., 1998). De acordo com os estudos de Hackney (1981), Wierczkowski e Prado (1991), a falta de programas educativos apropriados surge como o factor de *stress* mais comumente citado pelos pais da criança sobredotada (*in* Moon et al., 1998). Quando estes pais demonstram uma clara insatisfação face às propostas educativas da escola do filho, reportam significativos conflitos entre a escola e a família, assim como o aumento dos conflitos em casa sobre assuntos escolares. É possível verificar ainda uma tendência para se desenvolverem actividades educacionais em casa, de modo a compensar as “falhas” da escola (Frey & Wendorf, 1985, *in* Moon et al., 1998). É curioso observar que a maioria das famílias evidencia mudanças positivas¹ no seu sistema familiar quando as escolas providenciam programas adequados às necessidades da criança sobredotada (Moon et al., 1998).

Relvas e Oliveira (2000), reportando para o papel dos mitos nas famílias de crianças sobredotadas, chamam a atenção para a distorção a que os mesmos poderão dar origem na compreensão destas famílias. Em primeiro lugar, evidenciam o mito da crença de que estas famílias são *famílias especiais*. Neste ponto, realçam que estas famílias (tal como todas as outras) “ora sofrem, ora se alegram” (p. 127). Ou seja, também elas

¹ No entanto, o contrário também se verifica, embora num número inferior de famílias. A existência de programas adequados poderá dar origem a mudanças negativas no sistema familiar (Cornell, 1983, 1984; Cornell & Grossberg, 1986; Exum, 1983, *in* Moon et al. 1998).

encontram dificuldades, que poderão ou não ser associadas ao fenómeno da sobredotação. Estas dificuldades tanto podem ser ultrapassadas como não, cristalizando-se em problemas neste último caso (Relvas & Oliveira, 2000). Os mesmos autores sublinham ainda que se torna esperável que os pais de crianças sobredotadas “manifestem receios acrescidos relativos à responsabilidade de educar um sobredotado” (p. 128). Esta ideia é explicada (entre outras coisas) pelo facto de vivermos numa sociedade que se centra num discurso sobre a criança. A verdade é que o mito de que é fácil fracassar na educação de uma criança com características especiais (seja sobredotado ou não), surge “redobrado” nestas famílias. Certos pais destas crianças procuram agir contra este mito ao se proporem elevados padrões de exigência a si próprios e à criança. Deste modo, poderá surgir a perda de espontaneidade na relação, o esbatimento de limites entre subsistemas, o insucesso escolar e o sofrimento familiar (Relvas & Oliveira, 2000).

Relvas e Oliveira (2000), relembram alguns mitos apontados por Winner (1996), sendo o mais frequente o mito da *sobredotação geral*; ou seja, existe uma tendência para se acreditar que a criança sobredotada tem capacidades intelectuais gerais que lhe permitem ser superior em todas as áreas. Esta crença dá origem a que a dinâmica familiar se cristalice em seu torno, podendo surgir expectativas irrealistas que prejudicam o desenvolvimento académico, social e emocional da criança. “O peso de viver constantemente face a estas expectativas pode impedir a criança de se aceitar enquanto objecto total, sobretudo se o afecto que lhe é concedido está em relação directa com a sua performance académica e (ou) capacidade de atingir os objectivos propostos pela família e professores” (Relvas & Oliveira, 2000, p. 128).

Tendo em conta todas estas ideias, surge-nos uma importante questão cuja resposta se encontra ainda envolta em alguma controvérsia: serão as famílias de crianças sobredotadas assim tão diferentes das famílias da população geral? Ou pelo contrário, são famílias “normais” que possuem especificidades, mas que na maioria das coisas são iguais a todas as outras? Partindo desta perspectiva, podemos colocar as famílias de crianças sobredotadas no mesmo patamar (metaforicamente falando) que as famílias da população geral, apenas identificando distinções quando se realiza uma análise mais profunda e focalizada. De resto, serão famílias *normais*, com dificuldades *normais*, quando deparadas com obstáculos também eles *normais* (se tivermos em conta as suas características especiais) tentando ultrapassá-las ou não, de forma igualmente normal.

Em Portugal, os estudos são muito poucos, existindo no entanto, algumas iniciativas (e.g. Candeias et al., 2003; DaSilva, 2000; Azinheiro & Martins, 2005) que serão expostas posteriormente. Ao nível internacional, destacamos o seguinte estudo que, apesar de realizado num país muito diferente do nosso (Israel), as conclusões a que chegou poderão ser algo elucidativas. Landau e Weissler (1992) realizaram um estudo cujo principal objectivo seria caracterizar o ambiente familiar com crianças sobredotadas em comparação com famílias de crianças da população geral (com níveis de inteligência médios). Deste estudo fez parte o preenchimento de um

questionário que providenciava informação descritiva; foi administrado a 79 famílias com crianças não sobredotadas e 64 de crianças sobredotadas; estas últimas foram admitidas no YPIPAS (*Young Person's Institute for the Promotion of Art and Sciences*), enquanto que as primeiras não. O questionário em causa inclui as seguintes variáveis: nível socioeconómico, estimulação ambiental, atmosfera em casa, nível de escolaridade dos pais, traços de personalidade parentais, interacção entre pais e filhos, e atitudes dos pais perante o nível de inteligência do filho. De um modo geral, as conclusões deste estudo não demonstram diferenças significativas entre os dois grupos, no entanto registaram as seguintes discrepâncias: existem diferenças significativas entre os dois grupos ao nível dos estímulos ambientais, ao nível da escolaridade dos pais, das interacções cognitivas entre pais e filhos e das atitudes dos pais perante o nível de inteligência do filho, e também relativamente aos traços de personalidade dos pais destas crianças (assertividade, auto-estima e liberalismo). Pode-se ainda realçar que uma análise aos traços de personalidade dos pais de crianças sobredotadas permitiu constatar que estes tendem a ser mais assertivos, mais independentes e mais liberais do que os pais das crianças pertencentes ao outro grupo. Uma outra diferença significativa é registada ao nível dos estímulos ambientais. Os autores sublinham que estas diferenças se devem, habitualmente, ao facto das casas das famílias de crianças sobredotadas conterem mais livros, mais fotografias e imagens e também objectos de arte (Landau & Weissler, 1992).

Relativamente aos estudos realizados em Portugal, focados nas famílias das crianças e jovens sobredotados, a existência dos mesmos é, mais uma vez, extremamente escassa; mas felizmente, nos últimos anos tem havido um esforço e iniciativas crescentes para melhor compreender estas crianças e, por consequência, tudo aquilo que da vida das mesmas faz parte, nomeadamente a família.

Num estudo realizado por Candeias e colaboradores (2000) sobre as percepções parentais relativamente à sobredotação, os principais resultados mostram, em primeiro lugar, que embora se destaque a dimensão cognitiva na forma como os pais definem a excelência dos filhos, dimensões relacionadas com a motivação, a afectividade, a maturidade e a adaptação às normas sociais, são também valorizadas pelos pais. No que diz respeito às necessidades de ajuda que os pais destas crianças apontam, destacam-se o nível pessoal, interpessoal, académico e afectivo. O momento do diagnóstico de sobredotação dá origem, nos pais, a uma grande variedade de impressões que passam pela preocupação, pela dúvida, pela passividade e o sentimento de “desafio de quem tem um problema para resolver” (Candeias et al., 2003, p. 88). Os sentimentos mais frequentemente assinalados vão desde a felicidade, ao receio e medo, o sentimento de querer saber mais, assim como a simples incredulidade que se expressa pela ausência de qualquer sentimento.

DaSilva (2000), numa tentativa de compilar cinco anos de acompanhamento das famílias e de crianças sobredotadas no CPCIL (Centro Português para a Criatividade, Inovação e Liderança), apresenta um trabalho

A percepção da Qualidade de vida, estratégias de *coping* e *stress* em famílias com crianças e adolescentes sobredotados: um estudo exploratório.

Eneida Cardoso (e-mail:glimpse.eneida@gmail.com) 2008

em que organiza as dificuldades que os pais dos alunos sobredotados verbalizam e o apoio que solicitam dos técnicos. Neste contexto, e segundo os resultados do seu trabalho, 68% dos pais referem problemas na escola, enquanto 52% apontam dificuldades simultaneamente na escola e em casa. Este trabalho demonstra, ainda, um agravamento destes problemas à medida que a criança avança na escolaridade. Os problemas que levam estes pais a procurar ajuda, sendo apontados pelos mesmos, traduzem-se em *Problemas em casa* (conflitos com um progenitor rígido, reacções excessivas à frustração, criança absorta nos seus pensamentos, não obedecendo às chamadas, dificuldades de sono e em adormecer e sintomas psicossomáticos no momento de ir para a escola); *Desajustamento pessoal* (isolamento no quarto, introversão, não demonstração dos sentimentos, perfeccionismo, perde e faz perder muito tempo, dependência emocional dos adultos, dificuldades na primeira integração na escola); *Dificuldades de integração com os pares* (a criança procura os colegas mas é rejeitada, existência de muito poucos ou nenhuns amigos, prefere ficar em casa a sair para brincar na rua ou com os amigos); *Problemas na escola* (desmotivação na aprendizagem, recusa em fazer os trabalhos de casa, desistência de tarefas muito repetitivas, resultados escolares abaixo das suas capacidades e mesmo insucesso, regressão na aprendizagem, agressividade e rebeldia para com os professores, comportamentos de irrequietismo, questionamento constante do professor interrompendo as aulas, conversa com os colegas e muita distração) (DaSilva, 2000).

Tendo tudo isto em conta, destacamos a existência de desafios específicos, muitos deles referidos na reflexão anterior, que poderão intensificar o *stress*, o *coping* e a qualidade de vida familiares. Estes constituem os constructos que pretendemos estudar e que, de seguida, serão explicitados.

1.4 – *Stress* familiar

Os constructos que este projecto pretende estudar são o *stress*, o *coping* e a *qualidade de vida familiar*. O conceito de *stress* tem dado origem a uma variedade imensa de estudos, perspectivas e aplicações. Foram imensos os autores que debruçaram a sua atenção sobre o seu estudo, destacando-se, neste âmbito, Richard Lazarus, cujos estudos em muito contribuíram para a constituição de abordagens terapêuticas (Vaz Serra, 2002). Segundo o mesmo autor, o *stress* representa a relação estabelecida entre a “carga” sentida pelo ser humano e a resposta psicofisiológica que o indivíduo desencadeia perante a mesma (Lazarus, 1985). O ser humano é “um ser pensante” (Vaz Serra, 2002, p. 14), envolvendo-se constantemente em processos de avaliação; apesar de desenvolver um “estado de tensão” quando sente uma “carga excessiva”, o processo não fica aí terminado, havendo uma inter-acção de duplo sentido que se estabelece entre o indivíduo e o meio-ambiente e vice-versa. Esta inter-acção vai determinando as consequências e a evolução da resposta (Vaz Serra, 2002). Lazarus (1985) afirma que uma situação indutora de *stress* é aquela em que a relação estabelecida entre o indivíduo e o meio-ambiente é avaliada/percepção

como excedendo os seus próprios recursos, prejudicando por isso o seu bem-estar. Por outras palavras, uma pessoa está em *stress* quando sente que o grau de exigência de uma determinada circunstância é superior à sua própria capacidade de resposta.

Tendo em conta que este trabalho se realiza num contexto sistémico, torna-se importante compreender de que forma o *stress* se relaciona com a família. Ao longo do seu ciclo de vida, a família passa por inúmeras “provas” que poderão desencadear *stress*, tanto ao nível pessoal (de cada indivíduo) como ao nível de todo o sistema familiar. Desde a formação do casal, ao aparecimento do primeiro filho, à ida deste último para a Escola, a família tem de passar por uma imensidão de tarefas que exigem de si esforço e energia, no sentido de alcançar os objectivos de cada etapa. Cada uma destas etapas é ainda “agravada”, ou no mínimo influenciada, pelas características de cada elemento da família e da forma como significam e tentam superar as dificuldades com que se deparam.

“Viver em família implica um ajustamento progressivo, em que cada qual se deve poder sentir à vontade para comunicar os seus sentimentos, ideias e preferências e esteja igualmente predisposto a escutar os outros” (Vaz Serra, 2002, p. 541). No que diz respeito às condições de *stress* familiar, é muito difícil dar uma definição. Uma mesma situação pode ter um impacto diferente consoante o elemento da família; no entanto, é possível proceder a uma análise compreensiva do *stress* no seio familiar. Acompanhando o esforço colectivo de Olson e colaboradores (1983), o *stress* familiar é encarado como tendo na sua base três áreas: Teoria psicológica do *stress*, Teoria do desenvolvimento familiar e Teoria do *stress* familiar. A última sublinha que é essencial percebermos de que forma as famílias encaram aquilo que é “típico” e “normativo”, dentro do seu ciclo de vida, para posteriormente se compreender como as famílias respondem e se adaptam às transições (quer inesperadas ou não). Em qualquer análise compreensiva do *stress* no seio familiar, é importante ter também em conta cada elemento da família; como ser individual, depara-se com tarefas e responsabilidades individuais que poderão interferir nas vivências da família a que pertence. Numa perspectiva sistémica, as etapas de vida individuais, e consequentes tarefas e exigências, são perspectivadas como interdependentes com as etapas do ciclo de vida da família. Deste modo, “paralelamente ao desenvolvimento individual, a família assume uma série de responsabilidades e tarefas distintas que se criam tendo como base as mudanças ao nível da estrutura, dos papéis e das regras” (Olson et al., 1983, p. 114). Existe então uma imposição de novas responsabilidades, uma abertura a novas oportunidades e o surgimento de novos desafios à família. O *stress* familiar surge, assim, como uma consequência do desenvolvimento e evolução em curso, de reorganização estrutural e de rupturas imprevisíveis. Adicionalmente, o *stress* e a “fadiga” (*strains*) emergem dos pensamentos, acções e emoções dos membros individuais da família que, por sua vez, interagem e são influenciados pelos acontecimentos que surgem na família e no mundo exterior. Paralelamente, quaisquer alterações que ocorram na sociedade e na comunidade influenciam as mudanças em cada membro

familiar (Olson et al., 1983).

Na tentativa de melhor compreender porque diferentes famílias variam na forma como se ajustam e adaptam às diversas situações e dificuldades com que se deparam, Hill (1958) introduz o Modelo ABC-X da Crise Familiar, em que *A* é o acontecimento *stressante*, em interacção com *B* que são os recursos que a família tem para lidar com a crise, em interacção com *C*, que é a definição ou percepção que a família tem do acontecimento, dando origem a *X* que é a crise. Neste modelo, *stressor* surge definido como “a situação para a qual a família teve pouca ou nenhuma preparação” e crise como “qualquer mudança aguda ou decisiva devido à inadequação dos antigos padrões” (in Olson et al., 1983). Partindo deste modelo, McCubbin e Patterson (1982) avançaram com o Modelo ABC-X Duplo, com o intuito de descrever de forma mais adequada o ajustamento e adaptações familiares aos *stressores* ou às crises. O “A” surge representado neste novo modelo, como o factor “Aa”, ou “Pile-Up” familiar, que inclui o *stressor* antes enunciado por Hill, as dificuldades familiares e as fadigas antigas que continuam a afectar a vida familiar. No modelo ABC-X Duplo, um *stressor* é definido como um acontecimento (normal ou não) que afecta a unidade familiar num determinado momento e que produz mudança no sistema social familiar. As dificuldades familiares (“Family hardships”) são as exigências colocadas à unidade familiar e que se relacionam directamente com o acontecimento *stressor*. As dificuldades antigas (“prior strains”) são, por sua vez, os resíduos de tensões anteriores provenientes de acontecimentos *stressantes* que ficaram por resolver ou que são inerentes aos papéis familiares, como ser pai ou cônjuge (Pearlin & Schooler, 1978, in Olson et al., 1983). Na altura em que surge um novo *stressor*, as dificuldades antigas são exacerbadas e a família apercebe-se delas enquanto exigências com que terão também de lidar. Ao contrário dos acontecimentos *stressantes*, que ocorrem em momentos específicos, as dificuldades antigas poderão não ter um aparecimento ou desenvolvimento concreto, podendo emergir de forma insidiosa na família. A resolução de tais dificuldades torna-se, deste modo, frequentemente mais difícil devido à não clareza do seu contexto. Outro conceito que surge neste âmbito é o de *Stress familiar*; este distinguindo-se do termo *stressor*, define-se como “um estado de tensão que resulta de uma exigência (real ou percebida) e que requer ajustamento ou comportamento adaptativo” (Olson et al., 1983, p. 119). Consequentemente, o mau estar ou *distress* é definido como um *stress* que é percebido como desagradável ou indesejável pelos membros do sistema familiar (McCubbin & Patterson, 1982, in Olson et al., 1983).

1.5 – Coping familiar

O conceito de *coping* encontra-se intimamente relacionado com o anterior. Ao contrário do *stress*, o *coping* tem um significado claro e preciso: “refere-se às estratégias que são utilizadas pelo ser humano para lidar com as ocorrências indutoras de stress” (Vaz Serra, 2002, p. 365).

Lazarus e Folkman (1985) referem que o *coping* representa os esforços, cognitivos e comportamentais, realizados pelo indivíduo para lidar

A percepção da Qualidade de vida, estratégias de coping e stress em famílias com crianças e adolescentes sobredotados: um estudo exploratório.

Eneida Cardoso (e-mail:glimpse.eneida@gmail.com) 2008

com as exigências específicas, internas ou externas, que são avaliadas como ultrapassando os seus recursos (*in Vaz Serra, 2002, p. 365*). Torna-se claro que as estratégias de *coping* variam de pessoa para pessoa e a forma como as “aprendemos” relaciona-se directamente com o modo como crescemos e vivemos. Sabemos que uma grande parte da aprendizagem feita pelos indivíduos ao longo da sua vida é feita por observação das pessoas significativas. Entre estas pessoas significativas salienta-se inevitavelmente a Família, sendo considerada o modelo mais importante (principalmente os pais). Posto isto, uma atmosfera familiar boa, uma relação amistosa entre pais e filhos ajuda a criança a desenvolver-se de uma forma emocionalmente mais segura (*Vaz Serra, 2002*).

Relativamente à compreensão do *coping* no seio da família, esta tem incidido numa perspectiva em que se torna tão importante conhecer de que forma as famílias lidam com o *stress*, como compreender a frequência e severidade das mudanças da vida e das diversas transições. Os estudos de McCubbin e colaboradores (1980) relativamente ao *coping* na família, levaram à delimitação de quatro hipóteses base, segundo as quais, os comportamentos de *coping*: 1. diminuem a vulnerabilidade ao *stress*; 2. reforçam ou mantêm os recursos que a família possui e que lhes permite protegerem-se do impacto total dos problemas; 3. reduzem ou eliminam o impacto dos acontecimentos geradores de *stress* e das suas dificuldades específicas; 4. mobilizam o processo de activamente influenciar o meio, permitindo que façam algo para alterar as circunstâncias sociais, de modo a que se torne mais fácil, para a família, ajustar-se à situação difícil com que se deparam. Olson e colaboradores (1983) acrescentariam ainda uma quinta hipótese, postulando que as estratégias de *coping* variam de acordo com a etapa do ciclo vital na qual a família se encontra.

No que agora diz respeito ao estudo do *coping* familiar, e começando por uma definição do conceito, “é uma resposta em que a família é chamada a exercer um esforço invulgar para observar, experienciar, definir, compreender e levar a cabo algum tipo especial de acções de forma a retomar as rotinas do quotidiano” (*Reiss & Oliveri, 1980, in Olson et al., 1983*). As investigações nesta área têm revelado que as estratégias de *coping* familiar não são criadas num momento único, mas são antes progressivamente modificadas ao longo do tempo. Dado que a família é um sistema e deve ser vista como um todo, os comportamentos de *coping* envolvem a gestão de várias dimensões da vida familiar em simultâneo. Estas dimensões são: manutenção de condições internas satisfatórias para a comunicação e organização familiar; promoção de independência e auto-estima dos membros da família; manutenção dos laços familiares baseados em coerência e união; manutenção e desenvolvimento do suporte social em transacções com a comunidade e, por fim, manutenção de alguns esforços para controlar o impacto dos elementos geradores de *stress* e a quantidade de mudança na unidade familiar. O *coping* torna-se, então, num processo de aquisição do equilíbrio no sistema familiar que facilita a organização e a união, promovendo igualmente o crescimento e desenvolvimento pessoal (*McCubbin et al., 1980, in Olson et al., 1983*).

A percepção da Qualidade de vida, estratégias de *coping* e *stress* em famílias com crianças e adolescentes sobredotados: um estudo exploratório.

Eneida Cardoso (e-mail:glimpse.eneida@gmail.com) 2008

McCubbin (1979), ao expandir o modelo ABC-X de Hill, propõe que o *coping* familiar seja definido como uma “parte integrante do repertório total de comportamentos adaptativos da família” (in Olson et al., 1983, p.139). Esta definição realça a resposta da família ao *stress* como sendo um processo simultaneamente intrafamiliar (elemento para elemento) e transaccional (família para comunidade). Segundo Olson e colaboradores (1983), a passagem para um nível de análise do *coping* na família acarreta várias consequências. Em primeiro lugar, o facto de surgir em adição à perspectiva individual, a realidade subjectiva da família que se assume como uma entidade distinta; em segundo, a natureza relacional do *coping* torna-se muito mais importante no seio da família, em que a coordenação entre os elementos da família emerge como uma variável decisiva. Tendo em conta que o *coping* familiar surge de uma constelação de respostas individuais, assume-se que algumas estratégias possam ser mais importantes do que outras, principalmente em determinados pontos do ciclo vital e em relação com determinados acontecimentos específicos (p. 140).

Para rematar, o *coping* na família é perspectivado muito para além das respostas familiares a um acontecimento gerador de *stress*; é visto como um jogo de interações e transacções dentro da família, e entre a família e a comunidade. Neste âmbito, o *coping* muda ao longo do tempo e varia em função do *stress*, da severidade do mesmo, da quantidade de “distúrbios” no sistema familiar e da disponibilidade e utilização dos recursos existentes.

1.6 – Qualidade de vida familiar

Por último, o constructo *qualidade de vida*; igualmente complexo como os anteriores, pois suscita igualmente imensas opiniões, definições e aplicações, muitas divergentes entre si. Desde os anos 60 que o termo qualidade de vida é aplicado a inúmeras áreas, desde perspectivas sócio-económicas, a políticas, até práticas médicas e psicoterapêuticas.

Na busca de uma definição clara, esta revela-se tumultuosa e até confusa. Isto porque se trata de um conceito que se encontra, de certa forma, banalizado e também porque se reporta à perspectiva de cada ser humano; cada pessoa pode utilizar diferentes indicadores para definir a sua própria qualidade de vida. Estes indicadores, por si só, podem ser causadores de ainda mais confusão, uma vez que dizem, eles próprios, respeito à individualidade e subjectividade de cada um. Alguns destes indicadores que surgem associados à qualidade de vida vão desde a felicidade ao bem-estar, a um sentimento de existência significativa e plena. Não só estes termos são utilizados na bibliografia específica como se torna difícil, se não imprevisível, reconciliá-los a todos (Rapley, 2003). Apesar de toda esta panóplia de perspectivas em torno deste conceito, existe o acordo alargado de que a qualidade de vida é um constructo multidimensional, e que pode ser relacionado com as expectativas normativas acerca da qualidade de vida que os cidadãos visam alcançar. No entanto, saber quais são precisamente estas dimensões da vida individual ou colectiva, que são seleccionados como indicadores da qualidade de vida, varia de acordo com a perspectiva a que se recorre. Na tentativa de simplificar um pouco esta dificuldade, Cummins

A percepção da Qualidade de vida, estratégias de *coping* e *stress* em famílias com crianças e adolescentes sobredotados: um estudo exploratório.

Eneida Cardoso (e-mail:glimpse.eneida@gmail.com) 2008

(1997) sugere que se separem os indicadores (ou eixos) subjectivos dos objectivos; postula que a maioria da literatura contemporânea na área é relativamente consistente ao determinar que apesar de estes eixos formarem uma parte do constructo qualidade de vida, têm na realidade uma relação muito pobre um com o outro (Rapley, 2003).

Tendo tudo isto em conta, e uma vez que não é de todo o objectivo deste projecto discutir as diferentes perspectivas/definições deste constructo, apresentamos de seguida uma definição que nos despertou particular atenção e interesse e que encontramos na *Australian Bureau of Statistics* (2001). Isto porque engloba inúmeros factores que são relevantes para a compreensão deste conceito, desde factores culturais a individuais e sociais. Deste modo e uma vez que esta definição é simultaneamente compreensiva e inclusiva, colocamo-la de seguida: *“desde o nascimento à morte, a vida envolve os indivíduos numa cultura dinâmica que consiste num ambiente natural (luz, calor, ar, terra, água, minerais, fauna, flora), no ambiente criado pelo homem (objectos materiais, edifícios, estradas, maquinaria, tecnologia), grupos sociais (famílias, redes sociais, associações, instituições) e na consciência humana (conhecimentos, crenças, compreensões, tradições, capacidades). A qualidade de vida depende de todos estes factores que interagem com a cultura e que podem ser vistos como um estado de saúde ou de suficiência em todos os aspectos da vida humana. A medição da qualidade de vida envolve portanto o mapeamento da vida como um todo, considerando cada acontecimento de vida ou contexto social que terá a potencialidade de afectar a qualidade de vida individual ou a coesão da sociedade. A um nível individual, isto inclui os aspectos de vida físicos, emocionais, psicológicos e espirituais. Deste modo, os ambientes sociais, materiais e naturais que envolvem cada indivíduo através da interdependência tornam-se uma parte integrante da equação do Bem-estar e Qualidade de vida”* (Rapley, 2003, p. 32).

Segundo Olson e colaboradores (1983), a qualidade de vida pode ser medida usando dois métodos diferentes: uma avaliação da qualidade objectiva de vida ou uma avaliação do sentido subjectivo da satisfação perante essa mesma realidade objectiva. Uma medida objectiva da qualidade de vida pode ser obtida partindo de dados estatísticos de indicadores específicos, sociais e económicos. Todavia, estes dados objectivos podem não revelar nada de significativo acerca da satisfação de uma pessoa com a sua vida, sendo este o foco central das abordagens subjectivas.

French, Rodgers e Cobb (1974, *in* Olson et al., 1983) realçam a importância do ambiente subjectivamente definido na sua discussão sobre a “adaptação”. Definem este termo como a adaptação de uma pessoa ao seu ambiente da mesma forma como o percebe. Embora uma análise da realidade objectiva do indivíduo possa providenciar dados mais estandardizados da sua qualidade de vida, é importante ter em conta que as pessoas respondem às suas próprias percepções dessa realidade de forma diferente e única (Olson et al., 1983, p. 175).

Numa perspectiva familiar do estudo da qualidade de vida, o foco é colocado na satisfação subjectiva perante a mesma e não nos seus aspectos

objectivos. Uma importante característica destes estudos reside no facto de existir uma medição da satisfação em domínios específicos. Cada um destes domínios centra-se numa faceta específica da experiência de vida (casamento e vida familiar, amigos, casa e habitação, educação, emprego, religião, etc). A satisfação em relação a cada domínio é um julgamento individual e subjectivo que tem por base até que ponto as necessidades e interesses individuais são satisfeitos pelo ambiente pessoal da pessoa (Olson et al., 1983).

II – Objectivos

2.1 – Gerais

O presente estudo encontra-se integrado num projecto de investigação mais amplo que está a ser desenvolvido por um conjunto de dezoito mestrados do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica, na área de Sistémica, Saúde e Família, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCE-UC). O principal objectivo deste projecto consiste, em termos metodológicos, em continuar o trabalho iniciado no ano anterior, de adaptação de três instrumentos à população portuguesa (FILE, F-COPES e Qualidade de Vida). No presente ano, um subgrupo da equipa de investigação foi responsável pela validação dos mesmos instrumentos para a população portuguesa. Os restantes elementos colaboraram na recolha de dados.

Outro dos objectivos, e igualmente importante, é estudar a percepção da qualidade de vida, do *stress* e do *coping* familiares, quer do ponto de vista da população geral (que constitui a “norma”), quer em relação a populações com características específicas, como é o caso do presente estudo.

2.2 – Específicos

Tendo em conta que este estudo tem como base uma população específica (famílias com criança ou adolescente sobredotado), os objectivos a que se propõe alcançar são também eles específicos e referentes a esta população “especial”. De facto, na literatura da área, surgem inúmeras questões sobre se existirão diferenças significativas entre esta população e a população geral. Parece-nos, por tal, pertinente averiguar se a existência de um filho sobredotado na família é ou não relevante na forma como percebem o *stress*, o *coping* e a qualidade de vida familiares. Esta parece-nos uma questão importante, uma vez que permitirá alargar o nosso espectro de compreensão relativamente à visão do mundo, da vida e das experiências que estas famílias têm.

O presente estudo tem, então, como principais objectivos específicos:

- a) Analisar se existem diferenças entre estas duas populações no índice de vulnerabilidade ao *stress* familiar e na forma como percebem o *coping* e a qualidade de vida familiares;
- b) Analisar os resultados nos instrumentos administrados aos pais de crianças e adolescentes sobredotados, com os dos pais de crianças

A percepção da Qualidade de vida, estratégias de *coping* e *stress* em famílias com crianças e adolescentes sobredotados: um estudo exploratório.

Eneida Cardoso (e-mail:glimpse.eneida@gmail.com) 2008

- e adolescentes da população geral; e também os resultados dos adolescentes sobredotados com os adolescentes da população geral;
- c) Averiguar se existem diferenças significativas na vulnerabilidade ao *stress* e na percepção do *coping* e qualidade de vida familiares dentro das duas amostras; isto é, perceber se existem diferenças entre adultos e adolescentes na forma como percebem estas variáveis;
 - d) Avaliar a influência das seguintes variáveis no índice de vulnerabilidade ao *stress* e na forma como percebem o *coping* e a qualidade de vida familiar: Género, Local de Residência, Nível socioeconómico e Etapa do ciclo vital da Família.

2.3 – Modelo conceptual

De seguida, passamos a apresentar aquele que poderá ser o modelo conceptual hipotético de relação entre as variáveis do nosso estudo.

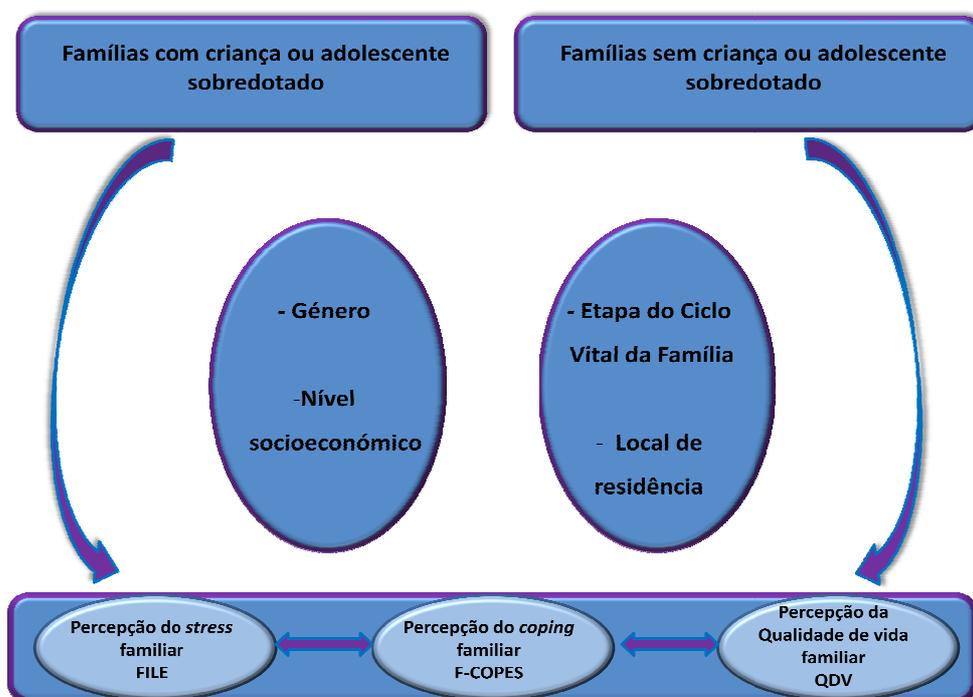


Figura 1 - Modelo Conceptual.

III - Metodologia

3.1 - Critérios de Amostragem:

Por uma questão de rigor, todas as pessoas a quem recorreremos, para constituírem a nossa amostra de estudo, fazem parte da ANEIS (*Associação Nacional para o Estudo e Intervenção na Sobredotação*). Ou seja, os pais inquiridos têm as suas crianças e/ou adolescentes inscritas nas actividades desta associação, enquanto os adolescentes inquiridos frequentam as mesmas

A percepção da Qualidade de vida, estratégias de *coping* e *stress* em famílias com crianças e adolescentes sobredotados: um estudo exploratório.

Eneida Cardoso (e-mail:glimpse.eneida@gmail.com) 2008

actividades. Quando falamos numa “questão de rigor”, referimo-nos ao facto de existirem vários critérios de inclusão nesta associação, que passam por uma fase prévia de avaliação em que é averiguado se a criança/adolescente em questão é efectivamente sobredotado. Neste âmbito, ao inquirirmos um pai ou adolescente inscrito na ANEIS deu-nos uma segurança total quanto ao facto de a amostra ser efectivamente a pretendida (famílias de crianças e adolescentes sobredotados).

Ainda no que aos critérios de amostragem diz respeito, sublinhamos o facto de todos os inquiridos terem sido voluntários. Estabeleceu-se, porém, um limite de idades para os adolescentes (dos 12 aos 18 anos), enquanto que para os adultos (pais) não foi colocada qualquer restrição, nem em termos de idade, nem em relação a qualquer outra variável.

Para a constituição da amostra de comparação (adultos e adolescentes da população geral), recorremos aos 228 pais e 40 adolescentes que foram inquiridos pela referida equipa de investigação, referentes à população geral portuguesa. Deste modo, foram seleccionados (destes 228 pais e 40 adolescentes) 27 adultos e 12 adolescentes, equivalentes com a amostra de estudo no que diz respeito às variáveis género, idade e etapa do ciclo vital da família.

3.2 – Recolha da Amostra:

A recolha da amostra de estudo foi feita em três momentos distintos, isto porque a mesma inclui sujeitos de três delegações da ANEIS no nosso país: Lisboa, Braga e Coimbra. Deslocámo-nos a cada uma delas nas seguintes datas: Lisboa a 5 de Janeiro; Braga a 26 de Janeiro e Coimbra a 9 de Fevereiro de 2008. Nas duas primeiras delegações, os instrumentos² foram administrados presencialmente enquanto na terceira (Coimbra), foram apenas aplicados presencialmente aos adolescentes; os pais levaram o protocolo para efectuarem o preenchimento em casa, comprometendo-se a entregá-los posteriormente num dos encontros da ANEIS.

Uma vez que qualquer projecto de investigação deve obedecer a uma série de procedimentos éticos que garantam o anonimato e confidencialidade das respostas dadas pelos sujeitos, adoptámos algumas medidas. Em primeiro lugar, procedemos a uma explicação e esclarecimento do projecto em causa, assim como os principais objectivos. Entregámos a cada um dos voluntários uma breve carta explicativa do projecto e de agradecimento pela participação, assim como o nosso contacto de *e-mail* (cf. Anexo1).

Como investigadores, comprometemo-nos a, no final da investigação, partilhar com as delegações da ANEIS os resultados e conclusões que o presente estudo nos permitiu alcançar.

3.3 – Caracterização da Amostra

A amostra total deste estudo é constituída por 78 sujeitos de

² O preenchimento dos instrumentos obedeceu a uma ordem pré-estabelecida: Questionários sociodemográfico e de dados complementares, Qualidade de Vida, FILE e por fim, F-COPES.

nacionalidade portuguesa, dividindo-se os mesmos em duas amostras independentes, a “amostra de estudo” e a “amostra de comparação”: 1. Famílias de crianças e adolescentes sobredotados (n=39) e 2. Famílias de crianças e adolescentes da população geral (n=39). Por sua vez, cada uma destas amostras se divide em outras duas sub-amostras: 1. Adolescentes sobredotados (n=12) e 2. Adolescentes da população geral (n=12).

No que se refere à **amostra de estudo** “famílias de crianças e adolescentes sobredotados”, esta é constituída por 12 adolescentes e 27 adultos, sendo 51,3% do sexo feminino (n=20) e os restantes do sexo masculino (n=19). Em relação à distribuição por **idades** dos adolescentes inquiridos, a média das suas idades é de 13,3 anos, enquanto no caso dos adultos a média é de 43,1 anos. Relativamente ao **local de residência**³, constata-se que 69,2% (n=27) dos inquiridos habitam em meio predominantemente urbano. A nível da **escolaridade**, 33,3% (n=13) possui formação superior, enquanto 23,1% possui o 6º Ano e 20,5% o 9º Ano de escolaridade. No que diz respeito à **profissão**, os sujeitos pertencem na sua maioria, ao “Grande Grupo Profissional 2”⁴, correspondendo a esta modalidade uma percentagem de 41% (n=16). Quanto ao **estado civil** dos sujeitos, 59% (n=23) são casados, correspondendo uma percentagem de 30,8% (n=12) aos sujeitos inquiridos solteiros, inserindo-se nesta modalidade a totalidade dos adolescentes que participaram neste projecto.

No que diz respeito à **religião** dos sujeitos, 51,3% (n=20) assinala a religião católica, enquanto 33,3% (n=13) considera não possuir qualquer religião. 71,8% (n=28) da amostra apresenta um **nível socioeconómico**⁵ médio. A maioria das famílias possui entre um e dois **filhos**, apresentando-se novamente a mesma percentagem para cada uma destas modalidades (23,1% e n=9). Apenas 5,1% dos sujeitos possui mais de três filhos.

Passando agora das variáveis sociodemográficas para as variáveis familiares, constata-se que no que diz respeito à **etapa do ciclo vital da família**, exactamente a mesma proporção de sujeitos, precisamente 41% (n=16), se encontra na etapa “Família com filhos em idade escolar” e “Família com filhos adolescentes”. Para finalizar e no que se refere à variável **formas de família**, 87,2% (n=34) pertence à categoria “Família nuclear intacta”.

Passando agora à caracterização da **amostra de comparação**, esta é constituída, tal como a primeira, por 27 adultos e 12 adolescentes. No que diz respeito ao **género**, 51,3% (n=20) são do sexo masculino, enquanto 48,7% (n=19) é do sexo feminino. Relativamente às **idades**, e começando pelos adultos, destaca-se uma média de 42,1 anos, enquanto que para os adolescentes, de 13,7 anos. Quanto ao **local de residência**, 43,6% (n=17)

³ Para a tipologia das áreas urbanas, recorremos ao Instituto Nacional de Estatística (1998).

⁴ Profissionais classificados como “Especialistas das Profissões intelectuais e científicas” (I.N.E, 1998).

⁵ Para a definição do nível socioeconómico, utilizámos a classificação de Mário Simões (1994).

dos inquiridos habita em meio predominantemente urbano, enquanto 33,3% (n=13), habita em meio rural. No que diz respeito à **profissão** principal, encontramos uma distribuição igual para as profissões relativas ao “Grande Grupo Profissional 2”, “Grande Grupo Profissional 3” e “Grande Grupo Profissional 5”⁶, precisamente uma percentagem de 10,3 (n=4) para cada uma das referidas profissões. Nas **habilitações literárias**, encontramos 15,4% (n=6) dos inquiridos com o 12º Ano de escolaridades, existindo exactamente a mesma proporção de sujeitos com o Ensino Superior. Relativamente ao **estado Civil**, 69,2% (n=27) dos participantes são casados, correspondendo esta proporção à totalidade dos adultos inquiridos.

Como **religião**, 87,2% (n=34) apontam-se como seguidores da religião católica. No que diz respeito ao **número de filhos**, 38,5% (n=15) dos inquiridos tem dois filhos, enquanto 33,3% (n=13) apenas tem um filho.

Para uma análise mais pormenorizada das características das amostras, apresentamos de seguida um quadro com a informação que considerámos mais relevante.

Quadro 1 – Caracterização das amostras

VARIÁVEIS	MODALIDADES	AMOSTRA DE ESTUDO		AMOSTRA DE COMPARAÇÃO		TOTAL	
		n=39	%	n=39	%	N=78	%
Género	Masculino	19	48,7%	20	51,3%	39	50%
	Feminino	20	51,3%	19	48,7%	39	50%
Idades	*Pais						
	Mín	30	-	27	-	-	-
	Max	57	-	56	-	-	-
	Média	43,1	-	42,1	-	-	-
*Adolescentes	Mín	12	-	12	-	-	-
	Max	17	-	17	-	-	-
	Média	13,3	-	13,7	-	-	-
Local de Residência	Predominante urbano	27	69,2%	17	43,6%	44	56,4%
	Mediamente urbano	9	23,1%	9	23,1%	18	23,1%
	Rural	2	5,1%	13	33,3%	15	19,2%
Habilitações Literárias	4º Ano	3	7,7%	3	7,7%	6	7,7%
	6º Ano	9	23,1%	11	28,2%	20	25,6%
	9º Ano	8	20,5%	12	30,8%	20	25,6%
	12º Ano	6	15,4%	6	15,4%	12	15,3%
	Ensino superior	1	33,3%	6	15,4%	19	24,4%

⁶ Respectivamente: “Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas”, “Técnicos e Profissionais de nível intermédio” e “Pessoal dos serviços e vendedores” (I.N.E, 1998).

VARIÁVEIS	MODALIDADES	AMOSTRA DE ESTUDO		AMOSTRA DE COMPARAÇÃO		TOTAL	
		N=39	%	N=39	%	N=78	%
Profissão	GG1	2	5,1%	1	2,6%	3	3,8%
	GG2	16	41%	4	10,3%	20	25,6%
	GG3	3	7,7%	4	10,3%	7	8,9%
	GG4	0	0%	5	12,8%	2	2,6%
	GG5	1	2,6%	4	10,3%	5	6,4%
	GG6	0	0%	2	5,1%	2	2,6%
	GG7	2	5,1%	1	2,6%	3	3,8%
	Doméstica	1	2,6%	3	7,7%	4	5,1%
	Estudante	12	30,8%	12	30,8%	24	30,7%
	Reformado	2	5,1%	1	2,6%	3	3,8%
	Desempregado	0	0%	1	2,6%	1	1,3%
	Reformado	0	0%	1	2,6%	1	1,3%
Estado civil	Solteiro	12	30,8%	12	30,8%	24	30,7%
	Casado	23	59%	27	69,2%	49	62,8%
	União de Facto	1	2,6%	0	-	1	1,3%
	Divorciado	2	5,1%	0	-	2	2,6%
	Viúvo	1	2,6%	0	-	1	1,3%
Etapa do ciclo Vital da Família	Família filhos na escola	16	41%	13	33,3%	29	37,2%
	Família filhos adolescentes	16	41%	19	48,7%	35	44,9%
	Família lançadora	7	17,9%	7	17,9%	14	17,9%
Formas de família	Nuclear intacta	34	87,2%	32	82,1%	66	84,6%
	Pós-divórcio	3	7,7%	1	2,6%	4	5,1%
	Monoparental	2	5,1%	2	5,1%	4	5,1%
	Reconstituída	0	-	4	10,3%	4	5,1%
Religião	Sim (católica)	20	51,3%	34	87,2%	44	56,4%
	Sim (não católica)	5	12,8%	0	-	5	6,41%
	Não	13	33,3%	5	12,8%	18	23,0%
Número de filhos	1	9	23,1%	13	33,3%	19	23,1%
	2	9	23,1%	15	38,5%	24	30,8%
	3	7	17,9%	4	10,3%	11	14,1%
	+ de 3	2	5,1%	1	2,6%	3	3,9%
Nível Socioeconómico	Baixo	9	23,1%	15	38,5%	24	30,8%
	Médio	28	71,8%	18	46,2%	46	58,9%
	Alto	2	5,1%	6	15,4%	8	10,3%

A percepção da Qualidade de vida, estratégias de *coping* e *stress* em famílias com crianças e adolescentes sobredotados: um estudo exploratório.

Eneida Cardoso (e-mail:glimpse.eneida@gmail.com) 2008

3.4 – Instrumentos

Antes do preenchimento dos instrumentos de avaliação propriamente ditos, e já atrás referidos, os sujeitos responderam a um questionário sociodemográfico e a uma ficha de dados complementares, que foram construídos pela equipa de investigadores do ano anterior (2006/2007) tendo porém, sofrido algumas alterações no presente ano lectivo. No que diz respeito aos instrumentos de avaliação, as versões utilizadas neste estudo foram: o questionário Qualidade de Vida – versão para adultos e versão para adolescentes (NUSIAF-Sistémica, traduzido e adaptado em 2007 e validado em 2008); o Inventário Familiar de Acontecimentos e Mudanças de Vida – FILE (Vaz Serra & cols, 1990; NUSIAF-Sistémica, adaptado em 2007 e validado em 2008) e a Escala de Avaliação Pessoal orientada para a Crise em Família – F-COPES (Vaz Serra & cols, 1990; NUSIAF-Sistémica, adaptado em 2007 e validado em 2008).

Questionário Sócio-Demográfico

O questionário sociodemográfico (cf. Anexo 2) tem como objectivo recolher algumas informações que são consideradas essenciais neste tipo de estudos. Deste modo, este questionário contempla as seguintes variáveis: nacionalidade, local de residência, posição e parentesco do respondente na família nuclear, composição do agregado familiar e informações referentes à idade, estado civil, alteração do estado civil, profissão principal e habilitações literárias de cada elemento da família. São ainda pedidas as mesmas informações relativamente a filhos que, eventualmente, tenham saído do agregado familiar. Através deste questionário é ainda possível recolher informações referentes à religião, número de filhos e à situação na profissão da principal fonte de suporte financeiro da família. No final do preenchimento por parte dos inquiridos, é da responsabilidade do investigador completar dois campos que dizem respeito à etapa do ciclo vital e ao nível socioeconómico. Relativamente à fase do ciclo vital da família, seguimos a proposta de Olson e colaboradores no estudo realizado em 1983. Deste modo, tendo em consideração critérios como a idade dos filhos na família e as mudanças que a mesma enfrenta à medida que as crianças se vão desenvolvendo, as etapas utilizadas no decorrer do nosso estudo são as seguintes: *jovens casais sem filhos*; *famílias com filhos pequenos ou em idade pré-escolar*; *famílias com filhos em idade escolar*; *famílias com adolescentes*; *famílias “lançadoras”*; etapa do “*ninho vazio*” e *famílias na reforma*.

Ficha de dados complementares

No que se refere à ficha de dados complementares (cf. Anexo 3), questiona-se sobre a existência de alguma doença crónica na família, sendo perguntado, em caso afirmativo, quem tem a doença, qual a doença, qual a percepção do impacto da doença na família (escala de resposta tipo *Likert* de 5 pontos, em que 1 é muito fraco e 5 muito forte) e qual a percepção do índice de gravidade (ligeiro, moderado e severo), sendo solicitado à pessoa que justifique a sua resposta no que a este último aspecto diz respeito. De

A percepção da Qualidade de vida, estratégias de *coping* e *stress* em famílias com crianças e adolescentes sobredotados: um estudo exploratório.

Eneida Cardoso (e-mail:glimpse.eneida@gmail.com) 2008

seguida, pergunta-se sobre a existência de outro tipo de problema na família (e.g. obesidade, “nervos”, depressão); em caso afirmativo, pedem-se as mesmas informações que para o item anterior. Esta ficha tenta ainda averiguar com que tipo de apoios a família pode contar em situações de doença ou outro tipo de dificuldades. Neste caso, é pedido que apontem (por ordem decrescente) a família chegada, família alargada, comunidade e instituições. Seguidamente, numa escala de tipo *Likert*, é pedido que se avalie o *stress* na família (1-muito pouco, 5-muitíssimo), a qualidade de vida na família (1-muito boa, 5-muito má) e a forma como a família se adapta, em geral, às dificuldades (1-muito bem, 5-muito mal). Ainda neste questionário, é possível recolher informações respectivas a: número de vezes que, por ano, a família recorre ao Centro de Saúde, os cinco motivos mais frequentes para essa deslocação, se alguém na família ou próximo desta sofreu no último ano algum tipo de acidente, divórcio ou morte, e por fim, se alguma vez a família recorreu a algum tipo de ajuda psicológica. Para este último item e, em caso afirmativo, qual o tipo de instituição e pedido, quanto tempo tiveram esse apoio e se actualmente ainda recorrem ao mesmo.

Para a avaliação do *stress*, estratégias de *coping* ou qualidade de vida familiares, foram utilizadas três escalas, respectivamente: FILE, F-COPES e Qualidade de Vida. Procederemos de seguida à descrição de cada um.

QDV - Qualidade de Vida

Este é também um questionário de auto-resposta (cf. Anexo 4) e a versão original foi desenvolvida por Olson e Howard (1982). O seu objectivo é avaliar a percepção individual de bem-estar e satisfação com a vida, em domínios distintos. Tem duas versões disponíveis, uma para pais e outra para adolescentes (dos 12 aos 18 anos). A versão para pais é composta por 40 itens e a versão adolescente por 25, no entanto, é de salientar que 19 dos mesmos são comuns a ambas as versões. A escala avalia um conjunto de doze factores: *vida familiar, amigos, família alargada, saúde, lar, educação, lazer, religião, mass media, bem-estar económico/financeiro, vizinhança e comunidade*, que surgem como indicadores de satisfação com a qualidade de vida. Os domínios presentes nas duas versões são praticamente os mesmos, com a distinção que a dimensão *casamento e emprego* estão apenas presentes na versão parental, enquanto os domínios *lazer e família alargada* estão apenas presentes na versão adolescente (Olson et al., 1985).

Em termos de resposta, pede-se que se responda de acordo com o grau de satisfação relativamente a cada situação que é exposta. A escala de resposta é de tipo *Likert*, de cinco pontos, em que 1 corresponde a “insatisfeito” e 5 a “extremamente satisfeito”. Um resultado elevado em termos de valor total, corresponde a um valor também ele mais elevado de satisfação com a qualidade de vida (Olson et al., 1985).

A versão portuguesa deste instrumento foi trabalhada por uma equipa de investigadores da FPCE-UC (NUSIAF – Sistémica) no ano lectivo de 2006/2007, que procederam à sua tradução e adaptação. Neste processo, seguiram-se as normas da Organização Mundial de Saúde; os itens foram traduzidos para português e aplicados a uma pequena amostra de sujeitos

A percepção da Qualidade de vida, estratégias de *coping* e *stress* em famílias com crianças e adolescentes sobredotados: um estudo exploratório.

Eneida Cardoso (e-mail:glimpse.eneida@gmail.com) 2008

seleccionados aleatoriamente. Partindo das opiniões e sugestões destes sujeitos, foram efectuadas algumas rectificações à versão portuguesa para, posteriormente, ser aplicada a uma amostra aleatória de sujeitos. Para se verificar se esta tradução se mantinha fiel ao conteúdo da versão original, procedeu-se à retroversão da escala, de português para inglês (Canavarro, Serra, Pereira, Simões, Quintais, Quartilho, Rijo, Carona, Gameiro, & Paredes, 2006). Neste processo, utilizou-se uma amostra de 260 sujeitos, dos quais 34,2% pertenciam ao sexo masculino, enquanto 65,8% ao sexo feminino. Os procedimentos estatísticos a que recorreram foram os mesmos utilizados pelos autores e a consistência interna encontrada foi semelhante à da versão original, quer no que diz respeito à escala total, quer em relação às diferentes dimensões que compõem a escala.

No que se refere ao trabalho de validação efectuado pela equipa de investigação do actual ano lectivo (2007/2008), esta realizou os exigidos estudos psicométricos para a versão para adultos, com o objectivo de proceder à validação da mesma para a população portuguesa. Para tal, partiram de um total de 297 sujeitos, tendo sido obtida uma média de respostas de 125,49, um desvio-padrão de 20,80, um *alpha de Cronbach* de 0,922, e um *KMO (Kaiser-Meyer-Olkin)* de 0,865, o que revela uma boa consistência interna, assim como uma boa estrutura factorial (respectivamente). Através do método de rotação *Varimax* foi possível encontrar onze factores: “bem-estar financeiro”, “tempo”, “vizinhança e comunidade”, “casa”, “*mass media*”, “relações sociais e saúde”, “emprego”, “religião”, “família e conjugalidade”, “filhos” e “educação”.

FILE- Inventário Familiar de Acontecimentos e Mudanças de Vida

A versão original deste instrumento foi desenvolvida por McCubbin, Patterson e Wilson (1983), tendo por base o Modelo Duplo ABCX de McCubbin e Patterson (1982), permitindo avaliar o acumular de acontecimentos de vida experienciados por parte das famílias. O FILE é um inventário de auto-resposta que deve ser respondido por, pelo menos, um elemento da família. É constituído por 71 itens que avaliam variáveis relacionadas com o *stress* e tensões na família, relativas a acontecimentos de vida e de mudanças cumulativas, que ocorreram no ciclo vital da família e que foram experienciados no período de tempo correspondente ao último ano. Dos 71 itens, em 34 deles o tempo de referência é alargado a antes do último ano (Olson et al., 1985). A escala de resposta é de carácter dicotómico, em que a resposta “sim” é cotada com 1 ponto, enquanto a resposta “não” tem a cotação de 0 pontos. Quanto maior for o resultado total da escala, maior é também o índice de *stress* familiar.

A versão original deste instrumento é constituída por nove factores: *tensões intra-familiares; tensões conjugais; tensões relativas à gravidez e maternidade; tensões financeiras; tensões e mudanças no trabalho; tensões associadas a doença ou cuidados de saúde; tensões associadas a doença crónica; tensões associadas a dependências; perdas; movimentos de “entradas e saídas da família” e problema legais*. Permite ainda obter três indicadores: resultado total de Mudanças de Vida Recentes, resultado por

A percepção da Qualidade de vida, estratégias de *coping* e *stress* em famílias com crianças e adolescentes sobredotados: um estudo exploratório.

Eneida Cardoso (e-mail:glimpse.eneida@gmail.com) 2008

Factor (9 Factores), e resultado total de Mudanças de Vida Passadas (Olson et al., 1985).

A versão utilizada neste estudo (cf. Anexo 5) corresponde à versão portuguesa que foi elaborada por Vaz Serra e colaboradores (1990) e possui a designação de *Inventário Familiar de Acontecimentos e Mudanças de Vida*. No que se refere aos dados psicométricos obtidos no processo de validação, que foi realizado com um total de 356 sujeitos, obteve-se um *alpha* similar ao da escala original – 0,811 (para 68 itens). A média de resposta corresponde a 8 e o desvio-padrão a 5,69. Por sua vez, a estrutura factorial do FILE revelou-se muito fraca (KMO=0,612).

F-COPES - Escalas de Avaliação Pessoal Orientadas para a Crise em Família.

Na base do presente instrumento (cf. Anexo 6) encontra-se a versão original desenvolvida por McCubbin, Olson e Larsen (1981), também baseado no Modelo Duplo ABCX de McCubbin e Patterson (1982) e a sua aplicação visa identificar as variáveis relacionadas com as estratégias de *coping* da família, isto é, atitudes e comportamentos efectivos de resolução de problemas, que a família desenvolveu para resolver ou responder a problemas e/ou dificuldades (Olson et al., 1985).

É um inventário de auto-resposta, sendo constituído por 29 itens que obedecem a uma escala de resposta de tipo Likert de cinco pontos, em que 1 corresponde a “discordo muito” enquanto o 5 a “concordo muito”; um valor elevado corresponde a um valor também elevado de percepção da utilização das estratégias de *coping*.

Na versão original, a escala tem cinco factores que são agrupados em duas grandes dimensões: interna e externa. Deste modo, no que às estratégias de *coping* internas diz respeito, encontramos o *reenquadramento* e a *aceitação passiva*. Nas estratégias de *coping* externas, encontramos: a *procura de suporte social*, *procura de suporte espiritual* e *mobilização da família para conseguir e aceitar ajuda*. Estas estratégias envolvem, deste modo, não só os recursos familiares, mas também os recursos sociais e comunitários. Assim, é possível retirar dois indicadores: resultado total de estratégias de *coping* e os resultados por factores (Olson et al., 1985).

A versão portuguesa utilizada foi elaborada por Vaz Serra e colaboradores (1990), tendo a designação de *Escalas de Avaliação Pessoal Orientadas para a Crise em Família*. A sua validação, encontrando-se ainda em curso aquando da elaboração da presente dissertação, foi realizada com 372 sujeitos, tendo-se obtido um *alpha* próximo do da escala original, correspondendo a 0,846 (para 30 itens). A média de respostas é de 93,87 e o desvio-padrão de 14,12. No que se refere à análise por factores, utilizaremos os factores da escala original, uma vez que a definição das sub-escalas para a população portuguesa não foi concluída a tempo de se poder integrar no presente estudo.

IV – Resultados

Para testar a normalidade da nossa distribuição, recorreremos ao teste de *Kolmogorov-Smirnov* (K-S) para os adultos (N=58) e o *Shapiro-Wilk* para os adolescentes (N=24). Com os resultados deste teste, saberíamos se a hipótese de recorrer a testes paramétricos seria viável ou não para a amostra deste estudo, tendo em conta que a aplicação deste tipo de testes exige a verificação simultânea de duas condições: 1. que a VD possua distribuição normal e 2. que as variâncias populacionais sejam homogêneas (Maroco, 2003). Apesar destas exigências ao que à utilização destes testes diz respeito, pensamos que, uma vez que são mais robustos em termos de resultados, optaríamos pela sua utilização, caso fosse possível.

Com a aplicação do teste K-S, constatámos que poderíamos aplicar testes paramétricos em várias das condições que nos propomos estudar, uma vez que para as mesmas a normalidade está garantida. No entanto, e uma vez que nem todas as condições obedeciam à normalidade, também utilizámos testes não paramétricos. Para consultar os resultados dos testes de normalidade, remetemos para o Anexo 7.

Relativamente aos procedimentos estatísticos utilizados, foram calculados testes *t de Student* para amostras independentes (paramétrico) e o teste de *Mann-Whitney* (não paramétrico), num primeiro momento, e a ANOVA (paramétrico) e *Kruskal-Wallis* (não paramétrico), num segundo momento. Tendo isto em conta e, com o objectivo de averiguar a existência ou não de diferenças estatisticamente significativas entre as sub-amostras no que se refere à percepção da Qualidade de Vida, do *coping* e do *stress* familiares, recorreremos ao teste *t de student* e ao de *Mann-Whitney*.

Uma vez que não faria qualquer sentido comparar a amostra de estudo na sua totalidade com a amostra de comparação, porque a mesma se divide em pais e adolescentes, comparámos num primeiro momento pais de crianças e adolescentes sobredotados com pais da população geral, no que se refere à Escala Total do QDV, aos diferentes factores que compõem o mesmo instrumento, à Escala total do F-COPES e respectivos factores e, por fim, em relação à Escala Total do FILE. Posteriormente, comparámos os resultados dos adolescentes sobredotados com os dos adolescentes da população geral.

No que se refere aos adultos e começando pelos dados provenientes dos testes *t*, em relação às escalas totais dos três instrumentos, as respostas dos adultos das duas amostras não revelam qualquer tipo de diferença estatisticamente significativa (cf. Quadro 4). Deste modo, não existem diferenças estatisticamente significativas na forma como estas duas amostras percebem o *stress*, o *coping* e a qualidade de vida familiares.

Quadro 2 – Testes *t de student* para a sub-amostra Adultos relativamente aos totais dos três instrumentos (QDV, F-COPES e FILE).

QDV – Escala Total		N	Média	t	Sig.
Amostra de estudo		27	120,89	- 1,567	0,123
Amostra de comparação		27	127,11		

F-COPES – Escala Total		N	Média	t	Sig.
Amostra de estudo		27	89,41	- 0,965	0,339
Amostra de comparação		27	93,41		

FILE – Escala Total		N	Média	t	Sig.
Amostra de estudo		27	10,70	2,005	0,051
Amostra de comparação		27	7,07		

* $p \leq 0.05$

Na análise dos diferentes factores que compõem o QDV (cf. Quadro 3) e o F-COPES (cf. Quadro 4), também não foi encontrada nenhuma diferença estatisticamente significativa revelada pelo *teste t*; os factores que foi possível analisar com este teste (pois respeitavam a normalidade da distribuição) no que diz respeito ao QDV foram: “Bem-estar financeiro” ($p=0,581$), “Tempo” ($p=0,145$) e “Relações sociais e saúde” ($p=0,733$). Os factores do F-COPES, estudados com o mesmo teste paramétrico foram: “Aquisição” ($p=0,495$), “Reenquadramento” ($p=0,882$), “Apoio Espiritual” ($p=0,295$). Constata-se que também em relação à percepção do *coping* familiar não se verificam diferenças estatisticamente significativas.

Quadro 3 - Testes *t de student* para a sub-amostra adultos, relativamente às dimensões do QDV.

QDV – Factores (adultos)		N	Média	t	Sig.
Bem-estar financeiro	Amostra de Estudo	26	13,50	- 0,557	0,581
	Amostra de Comparação	27	13,89		
Tempo	Amostra de Estudo	27	9,26	- 1,478	0,145
	Amostra de Comparação	27	10,41		
Relações Sociais e saúde	Amostra de Estudo	26	26,81	- 0,344	0,733
	Amostra de Comparação	27	27,19		

* $p \leq 0.05$

A percepção da Qualidade de vida, estratégias de *coping* e *stress* em famílias com crianças e adolescentes sobredotados: um estudo exploratório.

Eneida Cardoso (e-mail:glimpse.eneida@gmail.com) 2008

Quadro 4 - Testes *t de student* para a sub-amostra adultos relativamente às dimensões do F-COPES.

F-COPES – Factores (adultos)		N	Média	t	Sig.
Aquisição	Amostra de Estudo	27	26,70	- 0,687	0,495
	Amostra de Comparação	27	27,81		
Reenquadramento	Amostra de Estudo	27	30,07	0,149	0,882
	Amostra de Comparação	27	29,89		
Apoio Espiritual	Amostra de Estudo	27	9,74	- 1,058	0,295
	Amostra de Comparação	27	11,04		

* $p \leq 0.05$

Relativamente aos adolescentes e recorrendo ainda ao mesmo teste paramétrico, foi possível analisar a escala total do QDV, que não revelou diferenças estatisticamente significativas ($p=0,927$) entre as duas amostras (cf. Quadro 5) Os factores deste instrumento que os teste *t* nos permitiu analisar foram: “Vida familiar”, “Saúde”, “Casa”, “Lazer”, “MassMedia” e “Vizinhos e Comunidade”, não tendo sido encontrada qualquer diferença na forma como os adolescentes sobredotados percebem a qualidade de vida familiar, em comparação com os da população geral; para observação destes resultados, propomos a análise do Quadro 6.

Quadro 5 - Testes *t de student* para a sub-amostra adolescentes relativamente ao total do QDV.

QDV – Escala Total (adolescentes)	N	Média	t	Sig.
Amostra de estudo	12	85,17	0,093	0,927
Amostra de comparação	12	84,58		

* $p \leq 0.05$

Quadro 6 - Testes *t de student* para a sub-amostra adolescentes relativamente às dimensões do QDV.

QDV – Factores (adolescentes)		N	Média	t	Sig.
Vida familiar	Amostra de Estudo	12	10,75	- 1,943	0,645
	Amostra de Comparação	12	10,33		
Saúde	Amostra de Estudo	12	6,92	- 1,943	0,290
	Amostra de Comparação	12	7,58		

A percepção da Qualidade de vida, estratégias de *coping* e *stress* em famílias com crianças e adolescentes sobredotados: um estudo exploratório.

Eneida Cardoso (e-mail:glimpse.eneida@gmail.com) 2008

Casa	Amostra de Estudo	12	7,50	- 0,469	0,644
	Amostra de Comparação	12	7,83		
Lazer	Amostra de Estudo	12	6,58	- 0,113	0,083
	Amostra de Comparação	12	6,67		
MassMedia	Amostra de Estudo	12	13,92	0,631	0,535
	Amostra de Comparação	12	13,00		
Vizinhos e Comunidade	Amostra de Estudo	12	12,25	0,472	0,641
	Amostra de Comparação	12	11,58		

Em relação à escala total do F-COPES relativamente aos adolescentes, e uma vez que não respeitava o princípio da normalidade, optámos por analisar a mesma com um teste não paramétrico, cujos resultados serão expostos posteriormente. Todavia, foi possível aplicar o teste *t* a alguns dos factores deste instrumento, nomeadamente: “Avaliação Passiva” ($p=0,065$), “Mobilização” ($p=0,794$), “Reenquadramento” ($p=0,315$), e “Aquisição” ($p=0,424$). Mais uma vez, não foi encontrada qualquer diferença estatisticamente significativa (cf. Quadro 7).

Quadro 7 - Testes *t* de student para a sub-amostra adolescentes relativamente às dimensões do F-COPES.

F-COPES – Factores (adolescentes)		N	Média	t	Sig.
Aquisição	Amostra de Estudo	12	10,08	- 0,814	0,424
	Amostra de Comparação	12	12,08		
Reenquadramento	Amostra de Estudo	12	27,83	- 1,028	0,315
	Amostra de Comparação	12	29,58		
Mobilização de apoio formal	Amostra de Estudo	12	7,42	0,264	0,794
	Amostra de Comparação	12	7,08		
Avaliação Passiva	Amostra de Estudo	12	10,08	- 1,943	0,065
	Amostra de Comparação	12	12,08		

* $p \leq 0,05$

No que se refere aos resultados obtidos com o teste de *Mann-Whitney*, e em relação às sub-escalas que compõem os instrumentos (F-COPES e QDV), apenas foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa na dimensão 5 do QDV - *Mass-Media* - entre os dois grupos ($p=0,013$;

A percepção da Qualidade de vida, estratégias de *coping* e *stress* em famílias com crianças e adolescentes sobredotados: um estudo exploratório.

Eneida Cardoso (e-mail:glimpse.eneida@gmail.com) 2008

U=224,500). Estes valores traduzem-se no facto dos pais de crianças e adolescentes da população geral revelarem maior satisfação relativamente a esta dimensão do que os pais de crianças e adolescentes sobredotados (cf. Quadro 8). Relativamente às dimensões do F-COPES, não foi encontrada qualquer diferença estatisticamente significativa (cf. Quadro 9).

Quadro 8 – Teste de *Mann-Whitney* para a sub-amostra adultos relativamente às dimensões do QDV.

QDV – Factores (adultos)		N	Média Ponderada	U	Sig.
Comunidade	Amostra de Estudo	27	28,02	350,500	0,807
	Amostra de Comparação	27	26,98		
Casa	Amostra de Estudo	27	24,74	290,000	0,193
	Amostra de Comparação	27	30,26		
Mass Media	Amostra de Estudo	27	22,31	224,500	0,013
	Amostra de Comparação	27	32,69		
Emprego	Amostra de Estudo	27	26,39	334,500	0,590
	Amostra de Comparação	27	28,61		
Religião	Amostra de Estudo	27	27,85	355,000	0,855
	Amostra de Comparação	27	27,15		
Família e Conjugalidade	Amostra de Estudo	27	26,81	332,500	0,572
	Amostra de Comparação	27	27,19		
Filhos	Amostra de Estudo	27	24,07	340,000	0,663
	Amostra de Comparação	27	30,93		
Educação	Amostra de Estudo	24	26,71	307,000	0,742
	Amostra de Comparação	27	25,37		

* p≤ 0.05

Quadro 9 – Teste de *Mann-Whitney* para a sub-amostra adultos relativamente aos factores do F-COPES.

F-COPES – Factores (adultos)		N	Média Ponderada	U	Sig.
Mobilização de apoio formal	Amostra de Estudo	27	28,72	331,500	0,565
	Amostra de Comparação	27	26,28		
Avaliação Passiva	Amostra de Estudo	27	23,67	261,000	0,071
	Amostra de Comparação	27	31,33		

* p≤ 0.05

A percepção da Qualidade de vida, estratégias de *coping* e *stress* em famílias com crianças e adolescentes sobredotados: um estudo exploratório.

Eneida Cardoso (e-mail:glimpse.eneida@gmail.com) 2008

Num segundo momento e utilizando o mesmo teste não paramétrico, fomos comparar a percepção dos adolescentes das duas amostras apenas no que se refere à percepção da Qualidade de vida e *coping* familiares, uma vez que o FILE não lhes foi administrado. Curiosamente, os resultados são em muito semelhantes aos encontrados nos adultos, uma vez que não se encontraram diferenças estatisticamente significativas na escala total do F-COPES (cf. Quadro 10).

No que se refere aos factores dos instrumentos, apenas foi encontrado um nível de significância de 0,029, no factor 10 do QDV – *Bem-estar financeiro*, em que os adolescentes da amostra de estudo revelam maior nível de satisfação nesta dimensão do que os adolescentes da população geral (cf. Quadro 11); para os restantes factores do QDV não foi encontrada qualquer diferença estatisticamente significativa.

Quadro 10 – Teste de *Mann-Whitney* para a sub-amostra adolescentes relativamente à escala total do F-COPES.

F-COPES – Escala Total (Adolescentes)	N	Média	U	Sig.
Amostra de estudo	12	10,42	47,000	0,149
Amostra de comparação	12	14,58		

* $p \leq 0.05$

Quadro 11 – Teste de *Mann-Whitney* para a sub-amostra adolescentes relativamente às dimensões do QDV.

QDV – Factores (adolescentes)		N	Média Ponderada	U	Sig.
Amigos	Amostra de Estudo	12	11,25	57,000	0,356
	Amostra de Comparação	12	13,75		
Família Alargada	Amostra de Estudo	12	12,29	69,500	0,880
	Amostra de Comparação	12	12,79		
Educação	Amostra de Estudo	12	13,79	56,500	0,346
	Amostra de Comparação	12	11,21		
Religião	Amostra de Estudo	12	12,29	52,500	0,241
	Amostra de Comparação	12	12,79		
Bem-estar financeiro	Amostra de Estudo	12	15,63	34,500	0,029
	Amostra de Comparação	12	9,38		

Uma vez que nos interessava igualmente averiguar se existiriam diferenças estatisticamente significativas entre os adolescentes e os adultos da nossa amostra de estudo, efectuámos um novo *Mann-Whitney* para

A percepção da Qualidade de vida, estratégias de *coping* e *stress* em famílias com crianças e adolescentes sobredotados: um estudo exploratório.

Eneida Cardoso (e-mail:glimpse.eneida@gmail.com) 2008

averiguar a percepção do *coping* familiar (uma vez que os restantes instrumentos não poderiam ser comparados por as versões não serem equivalentes). Este procedimento revelou, mais uma vez, a inexistência de quaisquer diferenças significativas entre os adultos e adolescentes da população de estudo ($U=121.000$; $p=0,212$).

Num segundo momento, e com o objectivo de avaliar a possível interferência de algumas variáveis mediadoras (género, local de residência, nível socioeconómico e etapa do ciclo vital da família) na percepção das nossas variáveis dependentes (*Stress*, *Coping* e Qualidade de vida familiares), procedemos novamente à aplicação de testes paramétricos e não paramétricos. No que diz respeito ao primeiro tipo de testes, utilizámos a *ANOVA factorial*, enquanto no que aos segundos se refere, optámos pelo teste não paramétrico de *Kruskal-Wallis*. A *ANOVA* permite-nos comparar diferenças entre grupos, enquanto o plano factorial permite-nos, para além de constatar os efeitos das variáveis independentes, analisar possíveis interações entre estas. Quando surgem diferenças significativas, é feita uma inspecção visual ao gráfico que as ilustra (estes gráficos serão apresentados em anexo sempre que se considerar pertinente).

Relativamente aos adultos, foi-nos possível realizar o teste paramétrico para os totais dos três instrumentos (QVOL, FILE, F-COPES), em relação com as variáveis que se pretendia averiguar se seriam mediadoras ou não. Deste modo, realizámos numa primeira fase, uma *ANOVA 3-way*, em que relacionámos as seguintes variáveis independentes: Grupo sobredotação, Local de Residência e Nível Socioeconómico (cf. Quadro 12).

Quadro 12 – Resultados da análise de variância em função de três variáveis (grupo sobredotação, local de residência e nível socioeconómico) para o total do FILE.

Factor	Soma dos Quadrados	Graus de liberdade	Quadrados médios	F	Sig. (p.)
Modelo corrigido	1273,452(a)	13	97,958	3,255	,002
Sobredotação	465,326	1	465,326	15,461	,000
Residencia	292,013	2	146,006	4,851	,013
QDEMOsociodemo grafico	74,711	2	37,355	1,241	,300
Sobredotação * residencia	242,045	2	121,022	4,021	,026
Sobredotação * QDEMOsociodemo grafico	95,864	2	47,932	1,593	,216
Residencia * QDEMOsociodemo grafico	214,155	3	71,385	2,372	,085
Sobredotação * residencia * QDEMOsociodemo grafico	21,294	1	21,294	,708	,405

Os resultados revelados pelo teste indicam que existem efeitos significativos entre os três locais de residência e a percepção do *stress* familiar ($p=0,013$), assim como esta mesma percepção varia em função do grupo que se analisa ($p=0,000$). Procedendo a uma análise mais pormenorizada no que diz respeito às várias condições, percebe-se que aqueles sujeitos que habitam em meio predominantemente urbano e pertencentes ao grupo de estudo (“Famílias de crianças e adolescentes sobredotados”) percebem o *stress* familiar como mais elevado do que os da população geral, quando o nível socioeconómico é elevado. Isto é, os pais de crianças e adolescentes sobredotados de nível socioeconómico elevado e que habitam em meio predominantemente urbano percebem o *stress* familiar como mais elevado do que os pais da população geral pertencentes às mesmas condições sociodemográficas. Nos pais de nível socioeconómico médio, os resultados revelam o mesmo (que os pais do grupo de estudo percebem o *stress* como mais elevado do que os da população geral embora a diferença não seja tão significativa. No que se refere aos sujeitos de nível socioeconómico baixo, a percepção do *stress* familiar é mais elevada nos pais da população geral, quando comparados com os do grupo de estudo.

Em relação aos inquiridos que habitam em meio medianamente urbano, a relação entre as Variáveis Independentes mantém-se. Ou seja, os pais do grupo de estudo, tanto os de nível socioeconómico médio, como baixo, percebem o *stress* familiar como mais elevado do que os da população geral. Quando comparamos os pais de ambos os grupos, notamos que os de nível socioeconómico baixo tendem a perceber o *stress* familiar como mais alto do que os de nível socioeconómico médio.

Relativamente ao local de residência predominantemente rural, e uma vez que os sujeitos inquiridos que habitam neste meio pertencem na sua totalidade ao nível socioeconómico baixo, apenas poderemos comparar os dois grupos que pertencem a este nível. Tendo isto em conta, constata-se que uma vez mais, os pais do grupo de estudo percebem o *stress* como mais elevado do que os pais da população geral.

Para confirmar estes dados, remetemos para o Anexo 8, de modo a analisar os *plots* do teste utilizado.

• **Adultos – QDV**

Este teste revela que não existe qualquer tipo de efeito significativo dos três factores analisados na percepção da Qualidade de Vida Familiar (cf. Quadro 13). No entanto, através da análise dos *plots* das ANOVAS, é possível constatar que no que se refere aos pais que habitam em meio predominantemente urbano, verifica-se que os pais de crianças e adolescentes sobredotados de nível socioeconómico médio e baixo, percebem a Qualidade de Vida Familiar como superior, quando comparados com os pais da população geral. Pelo contrário, e curiosamente, os pais da amostra de estudo de nível elevado mostram índices mais baixos de percepção da qualidade de vida familiar (cf. Anexo 8).

Os sujeitos que habitam em meio medianamente urbano apresentam

A percepção da Qualidade de vida, estratégias de *coping* e *stress* em famílias com crianças e adolescentes sobredotados: um estudo exploratório.

Eneida Cardoso (e-mail:glimpse.eneida@gmail.com) 2008

valores mais elevados de percepção da Qualidade de Vida Familiar, quando pertencem ao nível socioeconómico médio, quando comparados com os de nível baixo. Quando se estabelece uma comparação entre os dois grupos estudados, constata-se que, mais uma vez, os pais da população geral percebem a Qualidade de Vida Familiar com mais elevada do que os pais da população de estudo.

Quadro 13 – Resultados da análise de variância em função de três variáveis (grupo sobredotação, local de residência e nível socioeconómico) para o total do QDV.

Factor	Soma dos Quadrados	df	Quadrados médios	F	Sig.
Intercept	277731,345	1	277731,345	1375,056	,000
Sobredotação	645,195	1	645,195	3,194	,081
residencia	502,058	2	251,029	1,243	,299
QDEMOsociodemografico	303,736	2	151,868	,752	,478
Sobredotação * residencia	567,324	2	283,662	1,404	,257
Sobredotação * QDEMOsociodemografico	345,434	2	172,717	,855	,433
residencia * QDEMOsociodemografico	1574,542	3	524,847	2,599	,066
Sobredotação * residencia * QDEMOsociodemografico	8,619	1	8,619	,043	,837

* p ≤ 0.05

• Adultos – F-COPES

Através da análise do Quadro 14, é possível perceber que o nível socioeconómico tem um efeito estatisticamente significativo ($p < 0,001$) na percepção do *coping* familiar. Deste modo, e mais uma vez, remetendo para o Anexo 8, apresentamos os *plots* que nos permitem verificar que os inquiridos que habitam em meio predominantemente urbano e de nível socioeconómico baixo, são os que percebem o *coping* familiar como mais elevado do que os sujeitos dos outros dois níveis socioeconómicos. Mais uma vez, os pais de crianças e adolescentes sobredotados, quando comparados com os da população geral, percebem o *coping* familiar como mais baixo. Pelo contrário, os pais do grupo de estudo que habitam em meio medianamente urbano percebem o *coping* familiar como mais elevado do que os da população geral (de nível baixo e médio). No que se refere aos pais de ambos os grupos de nível socioeconómico baixo e que habitam em meio rural, novamente a população de estudo mostra índices mais baixos de percepção de *coping* familiar.

Quadro 14 – Resultados da análise de variância em função de três variáveis (grupo sobredotação, local de residência e nível socioeconómico) para o total do F-COPES.

Factor	Soma dos Quadrados	df	Quadrados Médios	F	Sig.
Intercept	167446,573	1	167446,573	1513,206	,000
Sobredotação	113,457	1	113,457	1,025	,317
residencia	628,743	2	314,371	2,841	,070
QDEMOSociodemografico	4376,879	2	2188,439	19,777	,000
Sobredotação * residencia	472,155	2	236,077	2,133	,132
Sobredotação * QDEMOSociodemografico	39,613	2	19,807	,179	,837
residencia * QDEMOSociodemografico	910,895	3	303,632	2,744	,056
Sobredotação * residencia * QDEMOSociodemografico	1,480	1	1,480	,013	,909

* p ≤ 0.05

Numa segunda fase e utilizando o mesmo teste paramétrico, avaliámos apenas dois factores ou variáveis dependentes: Sobredotação e Etapa do ciclo vital da Família e sua possível interferência na percepção do *stress*, *coping* e qualidade de vida familiar.

• Adultos - FILE

Os resultados obtidos permitiram verificar que não existe uma interacção significativa entre o factor Sobredotação e a etapa do ciclo vital da família ($p=0,251$). Por outro lado, constata-se que o factor Sobredotação tem um efeito significativo na percepção do *stress* familiar ($p=0,016$), assim como a etapa do ciclo vital ($p=0,041$). Neste âmbito, propomos a observação do Quadro 15.

Quadro 15 – Resultados da análise de variância em função de dois factores (grupo sobredotação e etapa do ciclo vital da família) para o total do FILE.

Factor	Soma dos Quadrados	df	Quadrados Médios	F	Sig.
Intercept	4203,388	1	4203,388	104,047	,000
Sobredotação	251,579	1	251,579	6,227	,016
QDEMOCv	276,854	2	138,427	3,426	,041
Sobredotação * QDEMOCv	114,959	2	57,480	1,423	,251
Total	6744,000	54			
Corrected Total	2477,333	53			

* p ≤ 0.05

A percepção da Qualidade de vida, estratégias de *coping* e *stress* em famílias com crianças e adolescentes sobredotados: um estudo exploratório.

Eneida Cardoso (e-mail:glimpse.eneida@gmail.com) 2008

Pela observação da Figura 2, é possível perceber que os sujeitos das famílias que se encontram na etapa “Família Lançadora” são as que percebem o *stress* como mais elevado, quando comparadas com as famílias que se encontram na etapa “Família com filhos adolescentes” e “Família com filhos em idade escolar”. Mais um vez, os pais da nossa amostra de estudo revelam maiores índices de percepção de *stress* do que os pais da amostra de comparação.

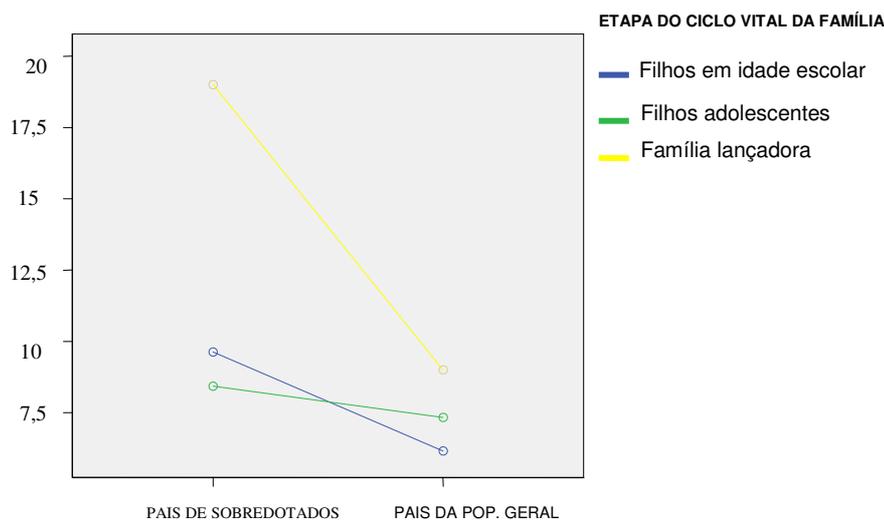


Figura 2 – Resultados no FILE em função do grupo e da etapa do ciclo vital da família.

• Adultos – QDV

Não existe um efeito significativo na percepção da Qualidade de vida familiar, nem no que se refere ao grupo Sobredotação ($p=0,109$), nem em relação à Etapa do ciclo vital ($p=0,122$). Não se verifica igualmente uma interação significativa entre o facto de se pertencer a uma família com filho sobredotado e a etapa do ciclo vital em que se encontra a família.

Tal como o revelado no teste anterior, que as famílias na etapa “Família lançadora” são as que percebem o *stress* como mais elevado, este teste demonstrou que estas famílias são as que revelam índices mais baixos de percepção da Qualidade de vida familiar. Os pais da população de estudo, mais uma vez, têm os valores mais baixos na percepção da QV, quando comparados com a amostra de comparação.

Quadro 16 – Resultados da análise de variância em função de dois factores (grupo sobredotação e etapa do ciclo vital da família) para o total do QDV.

Factor	Soma dos Quadrados	df	Quadrados médios	F	Sig.
Modelo Corrigido	1531,435(a)	5	306,287	1,462	,220
Intercept	637024,634	1	637024,634	3041,124	,000
Sobredotação	559,002	1	559,002	2,669	,109
QDEMOcv	919,953	2	459,977	2,196	,122
Sobredotação * QDEMOcv	147,212	2	73,606	,351	,706
Error	10054,565	48	209,470		
Total	841890,000	54			
Corrected Total	11586,000	53			

*p≤ 0.05

- **Adultos – F-COPES**

Não existe qualquer efeito significativo das variáveis Sobredotação e etapa do ciclo vital na percepção do *coping* familiar, assim como não existe qualquer interacção significativa entre estas duas variáveis (cf. Quadro 16).

Quadro 17 – Resultados da análise de variância em função de dois factores (grupo sobredotação e etapa do ciclo vital da família) para o total do F-COPES.

Factor	Soma dos Quadrados	df	Quadrados Médios	F	Sig.
Corrected Model	1029,657(a)	5	205,931	,879	,502
Intercept	365606,529	1	365606,529	1561,395	,000
Sobredotação	,959	1	,959	,004	,949
QDEMOcv	189,582	2	94,791	,405	,669
Sobredotação * QDEMOcv	664,913	2	332,457	1,420	,252
Error	11239,380	48	234,154		
Total	463456,000	54			
Corrected Total	12269,037	53			

*p≤ 0.05

- **Adolescentes**

No que diz respeito aos adolescentes do nosso estudo, utilizámos num primeiro momento a ANOVA (Escala Total do QDV) e, num segundo momento, a ANOVA não paramétrica *Kruskal-Wallis* (Total do F-COPES). Os resultados demonstraram que não existe uma influência da variável independente “Género” na percepção da Qualidade de vida familiar (cf. Quadro 18).

Quadro 18 – Resultados da análise de variância em função de dois factores (grupo sobredotação e Género) para a sub-amostra adolescentes.

Factor	Soma dos Quadrados	df	Quadrados Médios	F	Sig.
Corrected Model	644,181(a)	3	214,727	,934	,442
Intercept	138952,347	1	138952,347	604,608	,000
Género	642,014	1	642,014	2,794	,110
Sobredotação	1,125	1	1,125	,005	,945
Género * Sobredotação	,125	1	,125	,001	,982

* $p \leq 0.05$

Pela comparação dos dois grupos, verifica-se que os adolescentes do sexo feminino (em ambos os grupos), tendem a perceber a Qualidade de Vida Familiar de forma mais elevada que os adolescentes do sexo masculino. Com um nível de significância igual a 0,982, podemos concluir que não existe uma interacção significativa entre o facto de se ser ou não sobredotado, e a percepção da Qualidade de Vida Familiar; por outro lado, a variável Género tem alguma influência nesta percepção, como é possível observar na figura 3.

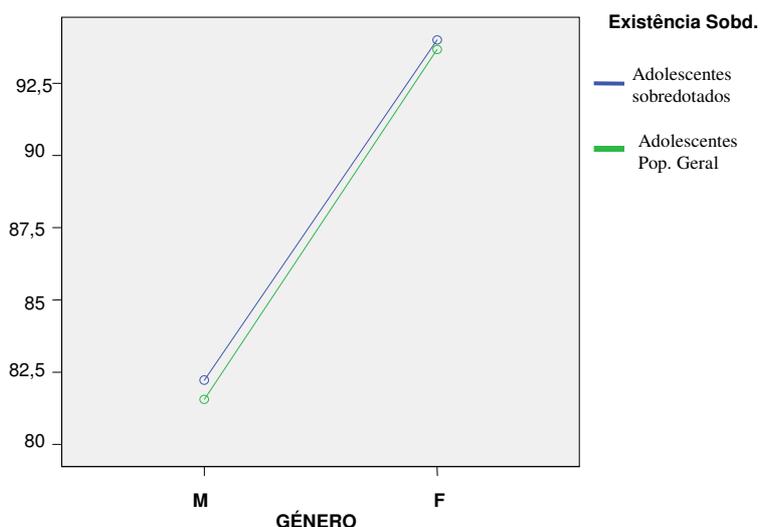


Figura 3 – Resultados para o QV versão adolescente em função do género e do grupo (sobredotação).

Através da realização do teste não paramétrico *Kruskal-Wallis*, constata-se que o nível de significância revelado ($p=0,149$) não é estatisticamente significativo. Conclui-se que não existe uma interacção significativa entre o factor Género e a percepção do *coping* familiar, em ambos os grupos estudados (cf. Quadro 19).

Quadro 19 –ANOVA não paramétrica de Kruskal-Wallis para o total do F-COPES, relativamente à sub-amostra adolescentes.

	Género	FCopestotal
Qui-quadrado	,000	2,087
df	1	1
Sig.	1,000	,149

V – Discussão

Antes de se dar início à nossa reflexão sobre o estudo realizado, e tendo em conta que estamos perante um estudo exploratório, achamos importante sublinhar que os dados do nosso estudo devem ser encarados com sensatez e cautela, principalmente no que diz respeito à sua generalização. Dadas as características particulares da nossa amostra de estudo, as extrapolações terão de ser contidas; evidenciamos o facto da nossa amostra de estudo ser algo reduzida e de não incluir famílias de todas as delegações da ANEIS do país. No entanto, consideramos que apesar destes dados poderem não ser representativos, eles dão-nos importantes informações sobre como estas famílias percebem as dificuldades com que se deparam e a forma como tentam, de uma forma ou outra, lidar com as mesmas.

Apesar de a bibliografia consultada não contemplar nenhum estudo que analise directamente as variáveis dependentes aqui focadas (*stress*, *coping* e qualidade de vida familiares), em função da nossa população específica, na realidade existem considerações e reflexões que merecem ser feitas, em relação àquilo que foi recolhido em termos teóricos e os resultados do nosso tratamento estatístico. Sublinhamos antecipadamente que estas mesmas considerações são meras hipóteses e suposições que julgamos ter alguma relevância na compreensão do nosso objecto de estudo; temos igual consciência que existem muitas mais grelhas de leitura que não as aqui contempladas que seriam igualmente válidas.

Começamos pelos resultados encontrados, em que não é identificada nenhuma diferença estatisticamente significativa entre as duas amostras estudadas no que se refere à percepção geral da qualidade de vida, do *stress* e do *coping* familiares. Deste modo, poder-se-á afirmar que os elementos que pertencem a famílias com filhos sobredotados não diferem da população geral na forma como percebem a qualidade de vida, o *stress* e o *coping*. Estes resultados estão de acordo com a teoria que nos diz que apesar de estas famílias possuírem “valores únicos e preocupações específicas” (Moon & Hall, 1998, p. 59), são geralmente famílias que revelam altos níveis de adaptabilidade (Csikszentmihalyi et al., 1993; Friedman & Gallagher, 1991; Frey & Wendorf, 1985, in Moon & Hall, 1998). O mesmo é dizer que são famílias com dificuldades específicas, mas que possuem os recursos necessários para lidar com as mesmas (tal como as famílias funcionais da população geral).

Relativamente aos constructos nos quais se foca este estudo, e como

A percepção da Qualidade de vida, estratégias de *coping* e *stress* em famílias com crianças e adolescentes sobredotados: um estudo exploratório.

Eneida Cardoso (e-mail:glimpse.eneida@gmail.com) 2008

referido anteriormente, não foi encontrada nenhuma diferença significativa entre os dois grupos na forma como os percebem. Na análise dos factores que compõem os instrumentos, a tendência mantém-se, uma vez que apenas foram encontradas diferenças em dois dos factores que compõem o instrumento que avalia a **percepção da qualidade de vida**, uma das diferenças em relação aos adultos, e outra relativamente aos adolescentes. Deste modo, a primeira dimensão em que encontramos esta diferença estatisticamente significativa, refere-se às respostas dadas pelos adultos à dimensão “*Mass Media*”, em que os pais da amostra de estudo apresentam índices mais baixos de satisfação, comparativamente com os pais da amostra de comparação. É curioso observar que a única dimensão em que estas diferenças são expressivas, traduz, de certa forma, algum inconformismo e insatisfação com o que a sociedade tem para lhes oferecer. Dito de outra forma, os pais de filhos sobredotados mostram-se mais insatisfeitos com a qualidade dos diversos serviços que fazem parte dos *Mass Media*. Este resultado faz-nos todo o sentido se tivermos em conta que as crianças e jovens sobredotados têm curiosidades e interesses não habituais para a idade cronológica que apresentam. Ao nível familiar, isto poder-se-á traduzir na solicitação, por parte das crianças, de serviços e meios aos quais os pais não conseguem corresponder (por serem difíceis de aceder). As crianças e jovens sobredotados são espontaneamente curiosas e questionadoras; neste âmbito, lembramos uma pequena mas representativa situação que tivemos oportunidade de vivenciar com um dos adolescentes inquiridos⁷. Esta situação fez-nos perceber que, de facto, estas crianças questionam-se e reflectem sobre questões muito antes de ser natural fazê-lo. Deste modo, é habitual e provável que questionem, solicitem e até exijam dos seus pais e do seu meio as respostas ou, no mínimo, as informações em relação aos temas que os fascinam. Isto leva a que tanto as crianças e jovens, como os seus pais, não se sintam satisfeitos com a pouca diversidade de informação e meios que encontram. Pelos resultados encontrados, esta insatisfação é apenas identificada como significativa, por parte dos pais, uma vez que os adolescentes das duas sub-amostras não revelam diferenças significativas no que se refere a este mesmo item. Esta insatisfação pode estar relacionada com a “impotência” que muitos pais sentem quando percebem que não conseguem corresponder às necessidades dos filhos. Aliás, esta é uma das dificuldades que geralmente, estes pais identificam. Estes chegam a manifestar receios acrescidos relativos à responsabilidade de educar um filho sobredotado, além de que estabelecem a si próprios, elevados padrões de exigência (Relvas & Oliveira, 2000).

No que se refere à percepção da qualidade de vida, mas desta vez

⁷ Aquando da administração do protocolo na delegação de Lisboa, deparámo-nos com um “pequeno” adolescente (pela sua baixa e frágil estatura) que pela sua postura e olhar de curiosidade em muito nos fez lembrar a figura de *Harry Potter*. Este menino, ao preencher o Questionário sociodemográfico no item referente à Religião, levanta-se e questiona-nos “o que coloco na Religião, é que eu sou Agnóstico? Não acredito num Deus representado por nenhuma religião, mas defendo a existência de uma força superior, que identifico na Natureza...”.

manifestada pelos adolescentes inquiridos, não foi encontrada nenhuma diferença estatisticamente significativa em relação ao índice geral deste instrumento. No que diz respeito às dimensões, encontrámos uma diferença significativa no “Bem-estar financeiro”, em que os adolescentes da amostra de estudo se encontram mais satisfeitos com as condições financeiras da família, comparativamente com os adolescentes da amostra de comparação. Consideramos que este resultado não é muito relevante, uma vez que poderão existir aqui outras variáveis que poderão influenciar estes resultados (como discutiremos mais à frente), nomeadamente o próprio nível socioeconómico e as características das amostras. Se tivermos em conta que apenas uma porção muito pequena da amostra de estudo possui um nível socioeconómico baixo, enquanto na amostra de comparação existe um maior número de representantes, podemos fazer a seguinte leitura: se existem mais sujeitos da população geral com baixo nível socioeconómico, é esperável que, quando comparados com sujeitos de nível socioeconómico superior, se sintam menos satisfeitos com as questões financeiras, uma vez que, naturalmente, as dificuldades económicas com que se deparam são maiores e mais significativas.

Aproveitamos para, ainda neste ponto, comentar uma característica que habitualmente é apontada como típica das famílias com criança ou jovem sobredotado. Referimo-nos ao facto de, na literatura, apontarem como nível socioeconómico predominante o nível médio ou alto, representando aquelas famílias de nível socioeconómico baixo uma porção muito reduzida nesta população. Esta ideia é confirmada pela nossa amostra de estudo, cujos elementos de nível socioeconómico baixo correspondem a uma minoria. Ainda em relação à nossa amostra de estudo, e estabelecendo outra comparação com as características que apontam nestas famílias, realçamos o facto de, na grande maioria dos casos, estas crianças serem “fruto” de casamentos estáveis (Barbe, 1981; Bloom, 1985; VanTasselBaska, 1983, *in* Moon & Hall, 1998). Note-se que na nossa amostra de estudo, mais de metade dos pais inquiridos são casados, enquanto no que às formas de família diz respeito, 87,2% dos elementos familiares aqui representados provêm de famílias nucleares intactas. No entanto, alertamos para o facto de estes dois indicadores não serem reflexo infalível de relacionamentos estáveis no seio de uma família.

Passando agora a outro dos constructos estudados, a **percepção do stress familiar**; também aqui não foi encontrada nenhuma diferença estatisticamente significativa na forma como as famílias de crianças e jovens sobredotados percebem o *stress*, quando em comparação com a população geral. Apesar de na literatura ser frequente encontrar perspectivas que defendem que o facto de existir um filho sobredotado na família poderá agir como um factor adicional de *stress*, os nossos resultados revelam que, mesmo que assim o seja, esta influência na percepção que estas famílias têm do *stress*, não é significativa. Isto é, o facto de se ter um filho sobredotado pode actuar como *stressor*, no entanto, e mais uma vez, as dificuldades tanto podem ou não estar associados ao fenómeno de sobredotação (Relvas & Oliveira, 2000). Todavia, e remetendo para o que encontrámos na

bibliografia consultada, Moon e colaboradores (1998), defendem que estas famílias possuem dinâmicas únicas que afectam todos os aspectos da vida familiar, nomeadamente os factores indutores de *stress*. Pensamos que esta ideia merece alguma reflexão de nossa parte, até porque é para nós claro que estes elementos familiares se confrontam com dificuldades não maiores, mas diferentes daquelas com que as famílias da população geral se confrontam. Neste âmbito, destacamos as dificuldades reveladas por um estudo de DaSilva (2000), onde a autora identificou as principais dificuldades que os pais destas crianças sentem e que os leva a procurar ajuda especializada. Estes pais referem desde dificuldades relacionais entre os elementos da família, às relações com os sistemas exteriores à família, como os pares e a escola. Apesar de, numa primeira análise, estas nos parecerem dificuldades facilmente identificadas nas famílias da população geral, sentimos que em relação às famílias com filho sobredotado, as mesmas dificuldades ganham um sentido e uma expressão diferente. Tal como constatado pelo estudo de Silverman e Kearney (1989), as crianças extremamente inteligentes são diferentes da norma na medida em que manifestam isolamento social, alienação e solidão. Isto leva a que os pais destas crianças revelem níveis elevados de *stress* por assistirem à inadaptação e ao sofrimento dos filhos, sem encontrarem formas de os poder ajudar.

Embora estas ideias nos façam bastante sentido, a realidade é que, pelos nossos resultados, podemos supor que por não existirem diferenças estatisticamente significativas, estas famílias conseguem arranjar formas de compensar estas falhas de outras formas, de modo que não constituam um factor de *stress* assim tão significativo, ou simplesmente porque possuem os mecanismos adaptativos necessários para ultrapassar estas dificuldades, ou ainda para não lhes dar demasiada importância. Logo, concordamos com as conclusões de Bloom (1985) e de Hackney (1981) ao afirmarem que a sobredotação pode actuar como uma fonte de *stress* quando ultrapassa os recursos familiares (*in* Moon et al., 1998).

Estabelecendo uma ligação entre o constructo anterior e o próximo, e seguindo as ideias de Minuchin (1974) que defende que a sobredotação poderá actuar como um *stressor* idiossincrático, podendo inibir os mecanismos de *coping* de algumas famílias, notámos que também em relação à **percepção do coping** se verifica a inexistência de diferenças estatisticamente significativas na comparação dos dois grupos. Deste modo, mais uma vez se confirma que as famílias com crianças e jovens sobredotados não diferem da população geral na forma como percebem a capacidade de reagir perante as dificuldades e de as ultrapassar, ou seja, das estratégias de *coping* que possuem. Neste ponto, tecemos aqui mais uma reflexão, nomeadamente no que se refere aos valores familiares. Estes mesmos valores influenciam, de uma forma ou de outra, o modo como os elementos familiares percebem as dificuldades com que se confrontam e as estratégias que possuem e utilizam para lidar com as mesmas. Partindo desta ideia, os valores familiares que são identificados como característicos destas famílias, podem ajudar a explicar porque razão obtemos os resultados discutidos. Ou melhor, poderão ser estes valores que influenciam a

adaptabilidade que demonstram, as estratégias de *coping* que parecem possuir e a própria interpretação e significação que fazem das experiências, sejam elas indutoras ou não de *stress* .

Como Moon e colaboradores (1998) nos mostraram, a família com criança ou adolescente sobredotado tende a ser centrada na criança e a demonstrar relações muito próximas e de suporte. É ainda frequente encontrar nestes sistemas familiares valores que ajudam a cultivar os atributos da personalidade dos filhos, havendo uma focalização nas potencialidades da criança. Poderão ainda exibir altos níveis de união e flexibilidade, que são características das famílias resilientes. Penso que estes valores familiares nos podem ajudar a compreender porque razão não encontramos diferenças significativas entre as duas populações estudadas; uma das explicações é que, de certa forma, ambas possuem dificuldades, que podem ou não ser convergentes, mas que conseguem resolver, cada uma à sua maneira.

Além destas variáveis dependentes estudadas, tentámos igualmente perceber a influência de possíveis **variáveis mediadoras**. Apesar de existirem muitas destas variáveis contempladas no questionário sociodemográfico e ficha de dados complementares, a verdade é que pela pouca representatividade da maioria delas nas amostras, apenas nos pudemos cingir àquelas com alguma relevância estatística. Tendo isto em conta, as variáveis que nos foi possível estudar, como possíveis mediadoras da percepção da qualidade de vida, *coping* e *stress* familiares, foram o grupo a que se pertence (se amostra de estudo ou de comparação), o género, o local de residência, o nível socioeconómico e a etapa do ciclo vital da família.

Na análise destas possíveis variáveis mediadoras na percepção do *stress* familiar, encontrámos efeitos significativos nas variáveis sobredotação, residência e etapa do ciclo vital da família. Isto é, o facto de se pertencer ou não ao grupo de estudo influencia a percepção do *stress* , assim como o local de residência (onde se habita) e a etapa do ciclo vital onde a família se encontra. Além deste efeito isolado destas variáveis, encontrámos igualmente uma interacção significativa entre as variáveis sobredotação e local de residência, assim como entre a etapa do ciclo vital e novamente, o factor sobredotação. Os resultados revelaram uma tendência para os pais da amostra de estudo percepcionarem o *stress* como mais elevado, em comparação com os da população geral. Curiosamente, aqueles pais que percepcionam o *stress* como mais elevado são os de nível socioeconómico elevado, quando comparados com os de nível médio e baixo (apesar desta variável não ter um efeito significativo). Uma possível interpretação destes resultados pode advir do facto destas famílias de nível socioeconómico mais elevado habitarem em meio predominantemente urbano. Apesar de não possuímos a certeza se a seguinte informação se encaixa nestas famílias, considerámos importante mencioná-la. Pela revisão bibliográfica efectuada, encontrámos que muitas destas famílias, para garantir que os filhos tenham acesso a todo o tipo de serviços e meios que consideram importantes para o seu adequado desenvolvimento, muitas vezes deslocam-se para as grandes cidades, dispostas a mudar o seu estilo de vida de modo a maximizar o

potencial da criança (Moon et al., 1998). Pode ainda acontecer que para compensar as falhas que encontram na comunidade, por não corresponder às necessidades dos filhos, encontrem fontes adicionais de *stress*, relacionados com preocupações financeiras e laborais relacionadas com o alto custo das experiências que contribuem para o desenvolvimento adequado dos filhos. No que se refere à etapa do ciclo vital como mediadora da percepção do *stress* familiar, verifica-se que tal como o factor sobredotação, existe um efeito significativo, embora a junção de ambas não possua qualquer interferência significativa na percepção do *stress* familiar. Note-se que os pais da amostra de estudo que se encontram na etapa “família lançadora” são os que demonstram maiores níveis de percepção de *stress*; quer quando comparadas com as outras duas etapas (filhos em idade escolar e filhos adolescentes), quer em relação à amostra da população geral. Por outro lado, os pais de crianças e jovens sobredotados que se encontram na etapa “família com filhos em idade escolar”, em comparação com os elementos da população geral, apresentam, mais uma vez, valores mais elevados de percepção do *stress* familiar. Tentando interpretar o que estes valores nos poderão transmitir, começamos por referir as dificuldades que estas famílias sentem aquando da entrada dos filhos sobredotados na escola e durante todo o percurso escolar. A etapa do ciclo vital da família “filhos na escola” constitui uma das etapas mais exigentes em termos de tarefas e de adequação do funcionamento e estrutura familiar. Nas famílias com filhos sobredotados, estas tarefas poderão ser ainda mais exigentes, quando comparadas com as famílias da população geral. A escola constitui um dos factores de *stress* mais enunciados pelos pais de crianças e adolescentes sobredotados, ou mais especificamente, a falta de programas educativos apropriados. Apesar de esta não ser uma dificuldade exclusiva do nosso país, uma vez que existem autores internacionais que as referem (Wierczerkowski & Prado, 1991, *in* Moon et al., 1998), a verdade é que em Portugal esta dificuldade é facilmente assimilada; de facto, o nosso sistema de ensino não se encontra ainda preparado para receber e guiar estas crianças de forma adequada, o que resulta em que os pais se sintam completamente incapazes e extremamente frustrados perante as escolas que não correspondem às necessidades dos filhos. Esta situação ainda nos surge como mais grave se tivermos em atenção que a escola deveria representar para as crianças sobredotadas (e para todas as outras) “um segundo lar”, uma vez que é lá que, teoricamente, têm a oportunidade de fazer livremente aquilo de que mais gostam, que é o aprender, o questionar, o descobrir e o compreender. Existem estudos (Rimm, 1995; Luccone & Amerikaner, 1986) que comprovam que em famílias cujos resultados escolares do filho sobredotado não são satisfatórios, os níveis de *stress* aumentam, enquanto os níveis de adaptabilidade diminuem (*in* Moon & Hall, 1998).

Na análise da interferência das possíveis variáveis mediadoras na **percepção do coping familiar**, encontrámos um efeito significativo na variável nível socioeconómico, enquanto para as variáveis sobredotação, local de residência e etapa do ciclo vital da família não foi encontrado qualquer efeito estatisticamente significativo. No que diz respeito ao efeito

da variável mediadora “nível socioeconómico”, constata-se que as famílias com criança ou jovem sobredotado, que habitam em meio predominantemente urbano, e que possuem um nível socioeconómico baixo, são as que percebem as estratégias de *coping* como mais elevadas. Este facto talvez seja explicado pelas dificuldades com que se deparam e pelas estratégias que inevitavelmente têm de aprender a desenvolver para ultrapassarem os problemas. As famílias com dificuldades económicas, ou simplesmente de nível socioeconómico baixo, tendem a, desde muito cedo, desenvolver estratégias de “sobrevivência” e aprender a viver com o pouco que têm.

- **Limitações do estudo e propostas para futuras reflexões**

No percurso de elaboração de todo o nosso estudo, fomos reflectindo em relação àquilo que encontramos na teoria, os resultados e as conclusões, ao mesmo tempo que nos fomos deparando com algumas das limitações deste trabalho. À medida que nos fomos apercebendo destas “falhas”, fomos reflectindo sobre o que poder-se-ia fazer no futuro, de modo a contorná-las. Temos plena consciência de que o nosso estudo, apesar destas e de outras limitações, tem igualmente valor e implicações interessantes e úteis, quer para a compreensão destas crianças e jovens e suas famílias, quer também ao nível de eventuais linhas de intervenção a desenvolver junto dos mesmos.

Deste modo, começamos por referir o facto de não termos encontrado na pesquisa bibliográfica realizada, estudos que incidissem directamente na análise dos constructos aqui estudados (qualidade de vida, *coping* e *stress* familiares) em função da população específica em causa. Esta inexistência de mais referências bibliográficas limitou, de certa forma, a discussão e conclusões da nossa investigação, uma vez que não foi possível estabelecer uma ponte entre aquilo que a teoria nos diz e a compreensibilidade dos nossos resultados. Todavia, esta limitação acabou por proporcionar uma experiência de reflexão ainda mais profunda, na medida em que exigiu de nós próprios, a associação de ideias e de grelhas de leitura muito mais variadas – o que noutra situação poderia não se ter proporcionado.

Como os resultados obtidos com o nosso estudo se referem somente a questionários de auto-resposta, com as desvantagens daí decorrentes, seria importante, senão mesmo essencial, incorporar dados provenientes de outras fontes, como entrevistas e observações directas.

Contrariamente ao nosso propósito inicial de recolher dados junto de dois ou mais membros do mesmo sistema familiar, a verdade é que tal não foi possível, tendo, na maioria, sido obtidas informações de um só elemento. Deste modo, não podemos avaliar o grau de concordância entre sujeitos de uma mesma família, além de que acedemos a apenas uma perspectiva em relação ao funcionamento e relações familiares. Acrescentamos ainda o facto de um maior número de inquiridos permitir um conhecimento mais abrangente relativamente à natureza do nosso objecto de estudo.

Seria interessante no futuro, contemplar uma amostra maior, de preferência com representantes de todas as delegações da ANEIS do país, de modo a que os nossos resultados pudessem ser representativos da população

de famílias com crianças e adolescentes sobredotados portugueses.

Para estudos futuros, propomos mais curiosidade, mais criatividade e mais “mente aberta”. Apelamos neste sentido, para que mais pessoas se dirijam a esta população, com o objectivo de mostrar que a Psicologia não se deve cingir à compreensão e intervenção na Psicopatologia; ela deve ser direccionada, também, para o estudo do verdadeiro potencial humano. E o que são estas crianças senão uma possível representação do nosso verdadeiro potencial, como pessoas e como seres humanos...

VI - Conclusões

Uma vez que as informações recolhidas e discutidas durante este estudo são muito numerosas, optámos por apresentar as nossas conclusões por partes e em forma de esquema, de modo a simplificar a informação. Deste modo, utilizaremos este espaço para fazer uma recapitulação das ideias essenciais até aqui apresentadas.

- Relativamente ao Enquadramento Conceptual:

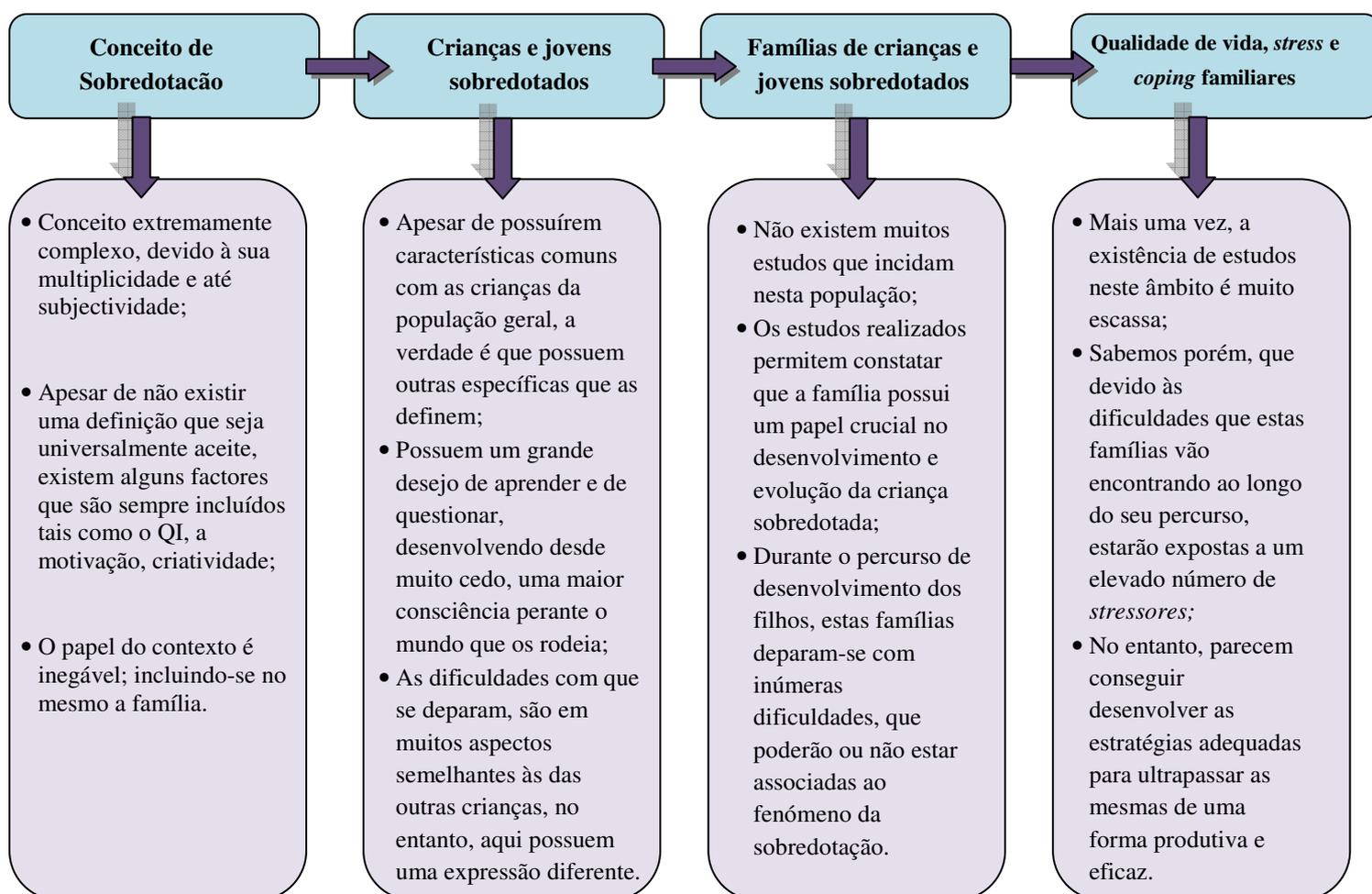


Figura 4 – Conclusões relativas ao Enquadramento conceptual.

A percepção da Qualidade de vida, estratégias de *coping* e *stress* em famílias com crianças e adolescentes sobredotados: um estudo exploratório.

Eneida Cardoso (e-mail:glimpse.eneida@gmail.com) 2008

- Relativamente ao Estudo empírico:

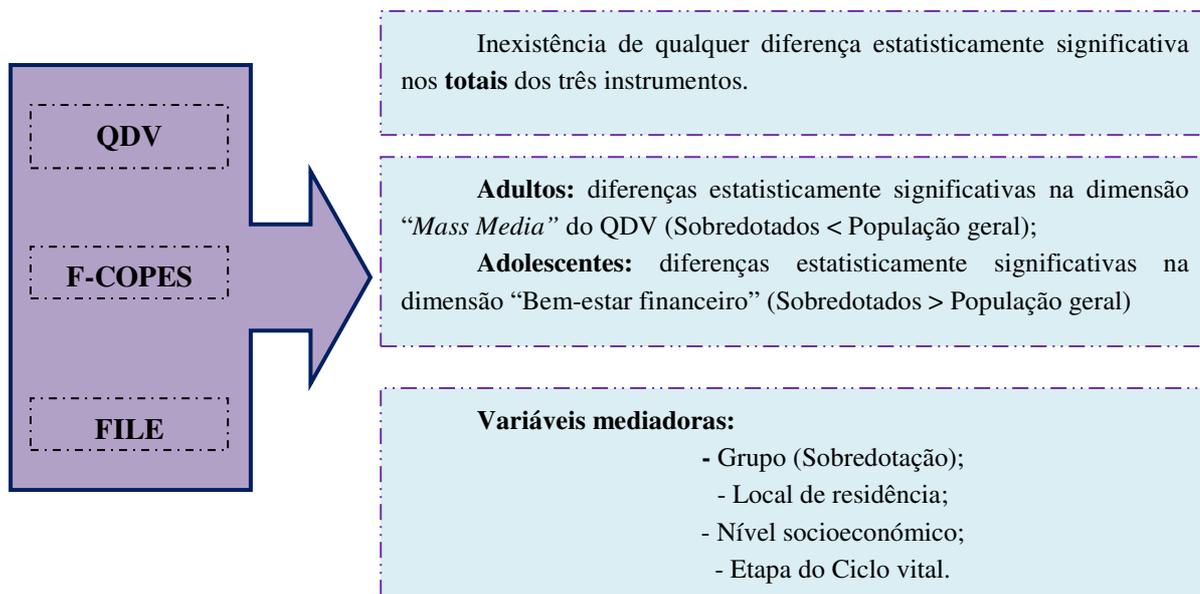


Figura 5 – Conclusões relativas ao estudo empírico.

- Em relação à discussão dos resultados:

Os resultados alcançados pelo nosso estudo empírico levam-nos a concluir, por um lado, que o facto de se possuir um filho sobredotado, não influencia a percepção da qualidade de vida, do *stress* e do *coping* familiares. Por outro lado, e atendendo aos resultados encontrados na análise de possíveis variáveis mediadoras leva-nos a questionar e a supor que apesar de não existir uma influência directa e significativa, a existência de um filho sobredotado poderá ter alguma interferência, quanto mais não seja, quando em interacção com outras variáveis, como a etapa do ciclo vital da família e o nível socioeconómico, por exemplo. Estes nossos resultados, e como foi já realçado anteriormente, não nos permitem generalizações, sendo essencial que sejam encarados como um ponto de partida para estudos futuros, onde se confirmará, ou não, a sua veracidade.

Deste modo, e para finalizar, retomamos uma das questões que nos acompanhou ao longo de toda esta investigação: “serão as famílias com filho sobredotado assim tão diferentes das famílias da população geral”? A esta altura, sentimos a liberdade de poder afirmar que “não”. A célebre e tão verdadeira frase “todos diferentes, todos iguais”, faz-nos aqui todo o sentido, uma vez que julgamos que estas famílias e seus filhos têm especificidades, características próprias, mas que em termos gerais se assemelham às famílias da população geral.

E, tal como não existem duas células iguais, duas pessoas iguais ou duas visões do mundo iguais, também não existem duas famílias iguais, independentemente de possuírem ou não, um elemento sobredotado.

A percepção da Qualidade de vida, estratégias de *coping* e *stress* em famílias com crianças e adolescentes sobredotados: um estudo exploratório.

Eneida Cardoso (e-mail:glimpse.eneida@gmail.com) 2008

Bibliografia

Canavarro, M.C., Vaz Serra, A., Pereira, M., Simões, M.R., Quintais, L., Quartilho, M.J., Rijo, D., Carona, C., Gameiro, S., & Paredes, T. (2006). Desenvolvimento do instrumento de avaliação da qualidade de vida da Organização Mundial de Saúde (WHOQOL-100) para português de Portugal. *Psiquiatria Clínica*, 27, (1), pp.15-23.

Candeias, A., Duarte, M., Araújo, L., Albano, A., Silvestre, A., Santos, A. F., et al. (2003). Avaliação da Sobredotação: Percepções parentais. *Sobredotação*, IV, 75-93.

DaSilva, M. (2000). As dificuldades que os pais dos alunos sobredotados verbalizam e os apoios que solicitam dos técnicos. In L. S. Almeida, E. P. Oliveira, & A. S. Melo, *Alunos sobredotados: contribuição para a sua identificação e apoio* (pp. 107-113). Braga: ANEIS.

Distin, K. (Ed.).(2006). *Gifted children: a guide for parents and professionals*. Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers.

Freeman, J. (1997). A natureza da sobredotação. In M. E. Silva, *Actas de Conferência sobre sobredotação* (pp. 8-16). Lisboa: Ministério da Educação, Departamento de Educação Básica.

Gallagher, J. J. & Courtright R. (1986). The educational definition of giftedness and its policy implications. In J. Sternberg, & J. Davidson (Eds.). *Conceptions of giftedness* (pp. 93-111). New York: Cambridge University Press.

Howe, M. J. (1999). *The psychology of high abilities*. London: Macmillan Press.

I.N.E. (1998). *Estatísticas Demográficas*. Lisboa: I.N.E.

I.N.E. (1998). *Tipologia de áreas urbanas*. Lisboa: I.N.E. e Direcção Geral de Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano.

Landau, E., & Weissler, K. (1992). Parental Environment in Families with Gifted and Nongifted Children. *The Journal of Psychology*, 127 (2) 129-142.

Lazarus, R. S. (1985). *Stress and coping: An anthologie*. New York: Columbia University Press.

Manocchio, T., & Pettit, W. (1975). *Families under stress*. Londres: Routledge & Kegan Paul.

Maroco, J. (2003). *Análise Estatística com utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.

Moon, S. M., & Hall, A. S. (1998). Family therapy with intellectually and creatively gifted children. *Journal of Marital and Family Therapy*, 24 (1), 59-81.

Moon, S., Junich, J., & Feldhusen, J. (1998). Families of gifted children: cradles of development. In R. Friedman, & K. Rogers, *Talent in context: historical and social perspectives on giftedness* (pp. 81-99). Washington D. C.: American Psychological Association.

Olson, D. H., McCubbin, H. I., Barnes, H. L., Larsen, A. S., Muxen, M. J., & Wilson, M. A. (1983). *Families: What makes them work*. Beverly Hills: SAGE Publications.

Olson, D. H., McCubbin, H. I., Barnes, H., Larsen, A., Muxen, M., & Wilson, M. (1985). *Family Inventories: inventories used in a National Survey of Families across the family life cycle*. St. Paul, MN: University of Minnesota.

Pereira, M. A. (1998). *Crianças sobredotadas: Estudos de caracterização*. Tese de doutoramento não publicada, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Rapley, M. (2003). *Quality of life research: a critical introduction*. London: SAGE publications.

Reis, S. M. (1989). Reflections on Policy Affecting the Education of Gifted and Talented Students. *American Psychologist*, 44, n^o2, 399-408.

Relvas, A. P., & Oliveira, P. (2000). Intervenção sistémica nas famílias de crianças sobredotadas. In L. S. Almeida, E. P. Oliveira, & A. S. Melo, *Alunos sobredotados: contributos para a sua identificação e apoio* (pp. 122-134). Braga: ANEIS.

Renzulli, J. (2005). The three ring conception of giftedness: a developmental model for creativity productivity. In J. Sternberg, & J. Davidson (Eds.). *Conceptions of giftedness* (pp. 246-279). New York: Cambridge University Press.

Simões, M. (1994). *Investigação no âmbito da aferição nacional do teste das matrizes progressivas coloridas de Raven (M.P.R.C.)*. Dissertação de Doutoramento não publicada, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Streznewski, M. K. (1999). *Gifted grownups: the mixed blessings of extraordinary potential*. New York: John Wiley & Sons.

Vaz Serra, A. (2002). *O stress na vida de todos os dias* (2ª ed.). Coimbra: A. V. Serra.

Winner, E. (2000). The origins and ends of Giftedness. *American Psychologist* , 55, 159-169.

Anexos

Anexo 1 – Carta de apresentação e explicação do projecto



FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Caro(a) senhor(a):

O meu nome é Eneida Almeida Cardoso e sou finalista do curso de Psicologia da faculdade acima referida.

No âmbito da minha tese de mestrado, faço parte de uma equipa de investigadores que está a desenvolver um projecto de investigação sobre a Qualidade de vida familiar e stress familiar. O nosso grande objectivo com este estudo é desenvolver uma maior compreensão sobre as famílias de modo a contribuir para uma intervenção mais ajustada e eficaz por parte dos técnicos que nos diversos serviços acompanham as famílias.

No meu caso concreto, irei debruçar o meu estudo na população específica das famílias de crianças e jovens sobredotados, sendo uma temática que me fascina imenso.

De seguida encontram-se cinco questionários, aos quais deverá responder a todos os itens escolhendo a resposta mais adequada ao seu caso. É importante salientar que não existem respostas certas ou erradas, contudo recomendo que leia com atenção as instruções de cada questionário apresentado. Informo ainda que os questionários deverão ser respondidos pela seguinte ordem:

- 1º Questionário demográfico
- 2º Ficha de dados complementares
- 3º Qualidade de vida
- 4º FILE
- 5º F-COPES

Em relação ao adolescente, deverá preencher:

- 1º Questionário demográfico
- 2º Ficha de dados complementares
- 3º Qualidade de vida
- 4º F-COPES.

No final de responder a cada questionário, peço que confirme se respondeu a todos os itens. Peço ainda que junte por ordem os questionários preenchidos quer pelo pai (ou mãe) seguidos dos respondidos pelo adolescente.

A percepção da Qualidade de vida, estratégias de *coping* e stress em famílias com crianças e adolescentes sobredotados: um estudo exploratório.

Eneida Cardoso (e-mail:glimpse.eneida@gmail.com) 2008

Para finalizar gostaria de reforçar que os dados recolhidos são para fins de investigação, sendo neste sentido respeitada a confidencialidade e anonimato das suas respostas.

Despeço-me com os melhores cumprimentos e deixando o meu agradecimento pela sua disponibilidade e colaboração, uma vez que é fundamental para o nosso projecto.

Muito obrigada

Eneida Cardoso

Para qualquer tipo de esclarecimento ou informação, contactar

glimpse.eneida@gmail.com. Obrigada.

Anexo 7 – Testes de normalidade

Quadro 1 – Testes de normalidade para a sub-amostra Adultos

	Kolmogorov-Smirnov(a)		
	Statistic	df	Sig.
QVTotal	,087	49	,200(*)
FILETOTAL	,121	49	,072
FCopestotal	,111	49	,177
FCopesAquisição	,100	49	,200(*)
FCopesReenquadramento	,088	49	,200(*)
FCopesApoioEspiritual	,093	49	,200(*)
FCopesMobilização	,133	49	,029
FCopesAvPassiva	,131	49	,035
QVBemEstarFinanc	,120	49	,074
QVTempo	,120	49	,075
QVComunidade	,141	49	,016
QVCasa	,184	49	,000
QVMassMedia	,189	49	,000
QVRelações.Saude	,114	49	,131
QVEmprego	,208	49	,000
QVReligião	,324	49	,000
QVFamiliaConjugal	,151	49	,007
QVFilhos	,186	49	,000
QVEducação	,215	49	,000

Quadro 2 – Testes de normalidade para a sub-amostra Adolescentes

	Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.
FCopetotal	,916	24	,048
FCopesAquisição	,963	24	,506
FCopesReenquadramento	,974	24	,755
FCopesApoioEspiritual	,914	24	,044
FCopesMobilização	,942	24	,179
FCopesAvPassiva	,953	24	,314
QVAdolescente	,971	24	,682
QVAd.VidaFamiliar	,937	24	,138
QVAd.Amigos	,863	24	,004
QVAd.FamiliaAlarg	,841	24	,002
QVAd.Saude	,918	24	,052
QVAd.Casa	,935	24	,126
QVAd.Educação	,855	24	,003
QVAd.Lazer	,939	24	,157
QVAd.Religiao	,882	24	,009
QVAd.MassMedia	,947	24	,228
QVAd.BemFinanceiro	,966	24	,563
QVAd.VizinhosComunid	,962	24	,487

A percepção da Qualidade de vida, estratégias de *coping* e *stress* em famílias com crianças e adolescentes sobredotados: um estudo exploratório.

Eneida Cardoso (e-mail:glimpse.eneida@gmail.com) 2008

Anexo 8 – Plots das ANOVAS

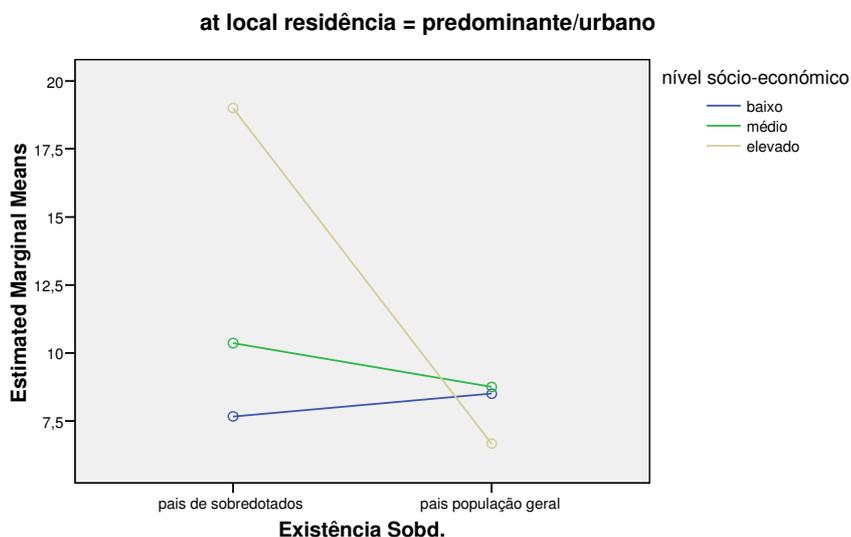


Figura 1 – Resultados para o FILE em relação às variáveis “Grupo sobredotação”, “nível socioeconómico” e “local de residência” (predominantemente urbano).

Estimated Marginal Means of FILETOTAL

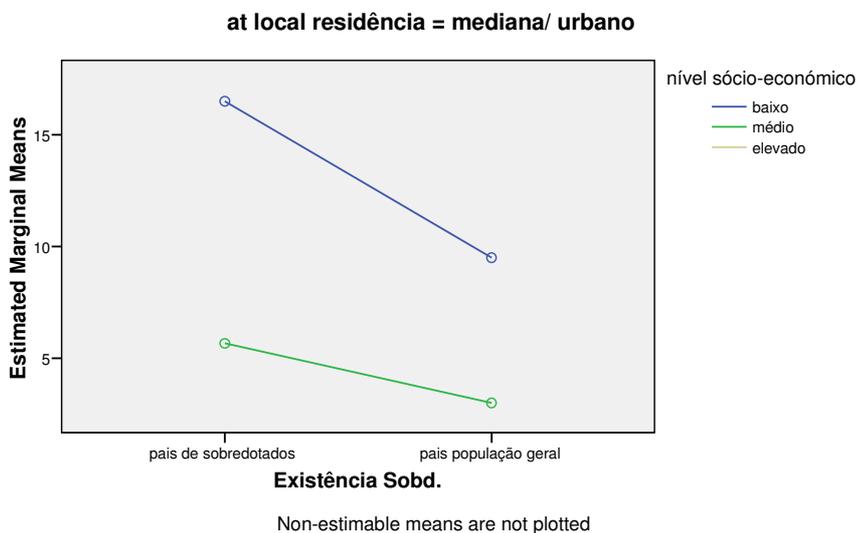


Figura 2 - Resultados para o FILE em relação às variáveis “Grupo sobredotação”, “nível socioeconómico” e “local de residência” (medianamente urbano).

A percepção da Qualidade de vida, estratégias de *coping* e *stress* em famílias com crianças e adolescentes sobredotados: um estudo exploratório.

Eneida Cardoso (e-mail:glimpse.eneida@gmail.com) 2008

Estimated Marginal Means of FILETOTAL

at local residência = predominante/ rural

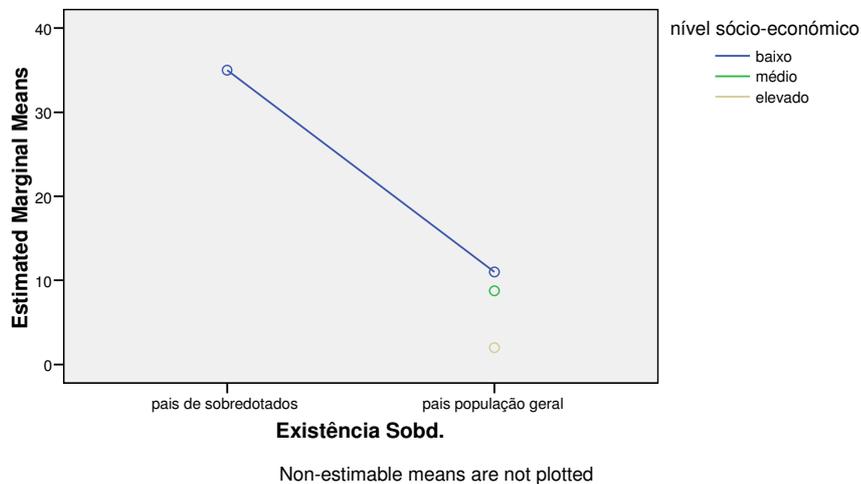


Figura 3 - Resultados para o FILE em relação às variáveis “Grupo sobredotação”, “nível socioeconómico” e “local de residência” (predominantemente rural).

Estimated Marginal Means of QVTTotal

at local residência = predominante/urbano

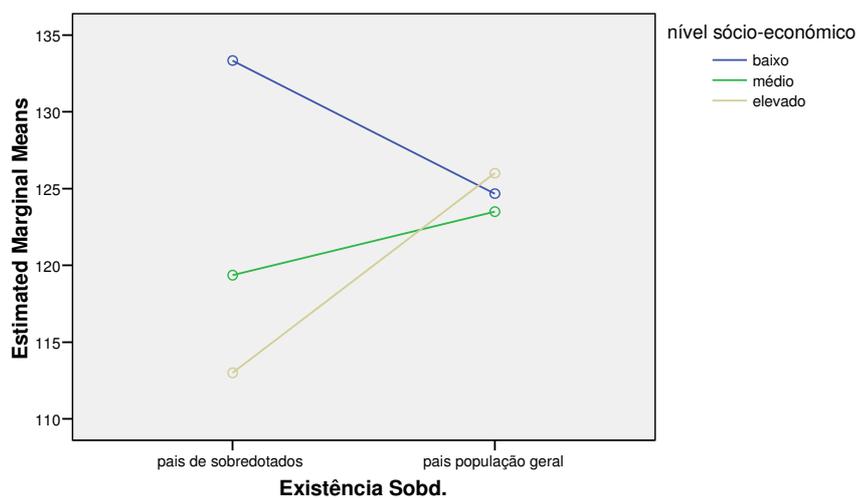


Figura 4 - Resultados para o QDV em relação às variáveis “Grupo sobredotação”, “nível socioeconómico” e “local de residência” (predominantemente urbano).

A percepção da Qualidade de vida, estratégias de *coping* e *stress* em famílias com crianças e adolescentes sobredotados: um estudo exploratório.

Eneida Cardoso (e-mail:glimpse.eneida@gmail.com) 2008

Estimated Marginal Means of QVTotal

at local residência = mediana/ urbano

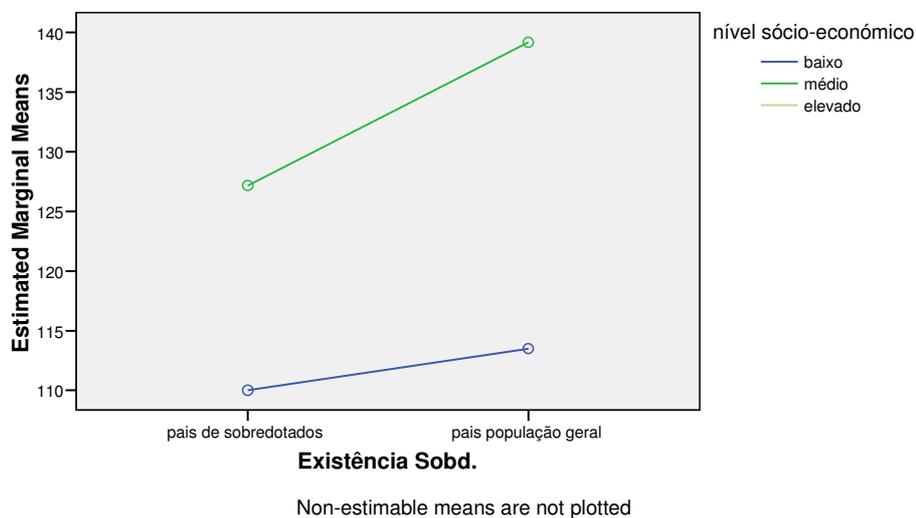


Figura 5 - Resultados para o QDV em relação às variáveis “Grupo sobredotação”, “nível socioeconómico” e “local de residência” (medianamente urbano).

Estimated Marginal Means of QVTotal

at local residência = predominante/ rural



Figura 6 - Resultados para o QDV em relação às variáveis “Grupo sobredotação”, “nível socioeconómico” e “local de residência” (predominantemente rural).

A percepção da Qualidade de vida, estratégias de *coping* e *stress* em famílias com crianças e adolescentes sobredotados: um estudo exploratório.

Eneida Cardoso (e-mail:glimpse.eneida@gmail.com) 2008

Estimated Marginal Means of FCopestotal

at local residência = predominante/urbano

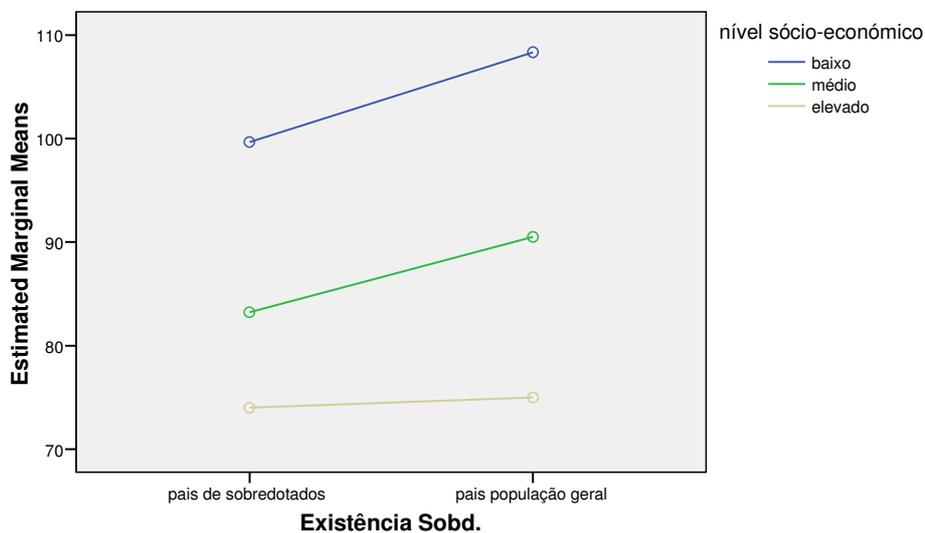


Figura 7 - Resultados para o F-COPES em relação às variáveis “Grupo sobredotação”, “nível socioeconómico” e “local de residência” (predominantemente urbano).

Estimated Marginal Means of FCopestotal

at local residência = mediana/ urbano

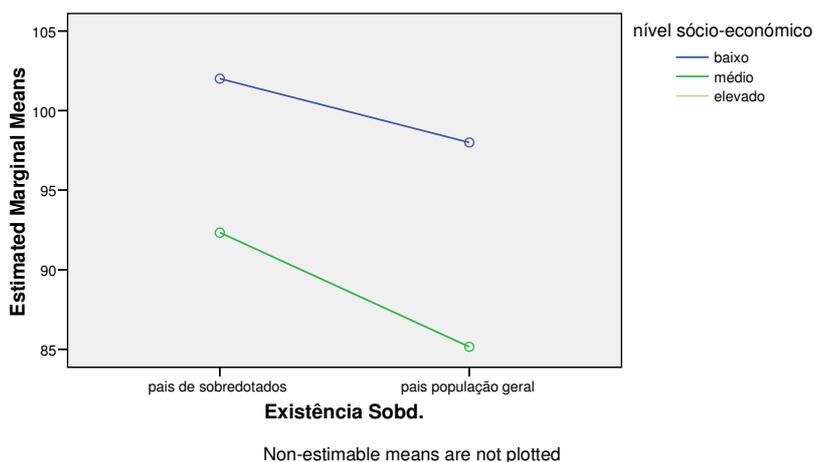


Figura 8 - Resultados para o F-COPES em relação às variáveis “Grupo sobredotação”, “nível socioeconómico” e “local de residência” (medianamente urbano).

A percepção da Qualidade de vida, estratégias de *coping* e *stress* em famílias com crianças e adolescentes sobredotados: um estudo exploratório.

Eneida Cardoso (e-mail:glimpse.eneida@gmail.com) 2008

Estimated Marginal Means of FCopestotal

at local residência = predominante/ rural

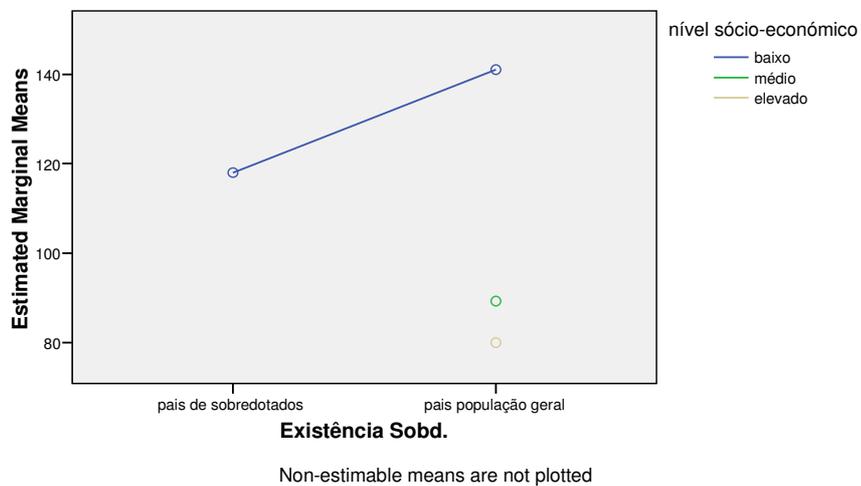


Figura 9 - Resultados para o F-COPES em relação às variáveis “Grupo sobredotação”, “nível socioeconómico” e “local de residência” (predominantemente rural).